

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MIRELLY SUIANY RIBEIRO DA SILVA

**A DANÇA QUE VEM DAS RUAS:
BREAKERS - CULTURA HIP HOP, DANÇA E COMPROMISSO SOCIAL**

Florianópolis
2010

MIRELLY SUIANY RIBEIRO DA SILVA

A DANÇA QUE VEM DAS RUAS:

BREAKERS - CULTURA HIP HOP, DANÇA E COMPROMISSO SOCIAL

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção da Graduação no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a Luciana Fiamoncini

FLORIANÓPOLIS-SC
JUNHO DE 2010

Termo de Aprovação

MIRELLY SUIANY RIBEIRO DA SILVA

A DANÇA QUE VEM DAS RUAS:

BREAKERS -CULTURA HIP HOP, DANÇA E COMPROMISSO SOCIAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, para a seguinte banca examinadora:

Orientadora: _____
Profª. Ms. Luciana Fiamoncini - CDS/UFSC

Membro: _____
Profª. Dra. Maria do Carmo Saraiva - CDS/UFSC

Membro: _____
Profª. Ms. Patrícia Daniele Lima de Oliveira

Florianópolis, 25 junho de 2010

“Evoluir é preciso, mas manter a autenticidade é fundamental. Respeite os criadores. Você só dança porque eles foram geniais.”

Frank Ejara

Dedico esta monografia a minha mãe e ao meu futuro esposo, que sempre estiveram ao meu lado, me dando forças, sendo meu porto seguro, fonte de inspiração, por tudo que me proporcionaram e principalmente pelo AMOR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus que é minha fonte de luz e me guiou durante toda essa jornada, iluminando meus passos quando muitas vezes me via na escuridão, me fazendo seguir em frente.

Aos meus pais que são a base de tudo que sou que e sempre me incentivaram em todos os momentos de minha vida.

Ao meu noivo que sempre esteve ao meu lado principalmente nessa dura jornada acadêmica, tendo paciência quando não lhe dava atenção e quando teve que resolver as coisas do casamento sozinho, falando muitas vezes: “Amor... não vejo a hora de acabar tudo isso”.

A minhas irmãs: Carla e Gabi, pela amizade e apoio.

A minha vózinha que sempre foi uma segunda mãe e ao meu avô que mesmo não estando presente, com certeza está olhando por mim lá de cima.

Aos amigos que fiz na universidade: Paulinha, Tick, Kenia, Rodrigo, Leo que foram responsáveis para que a universidade fosse inesquecível, e que deixaram saudades...

Ao meu grupo de dança Hip Hop Soul, que foi fundamental pra a realização deste trabalho e que fez eu descobrir a minha dança... o Hip Hop minha paixão.

A minha orientadora Luciana pela sua ajuda, confiança e amizade, que sempre muito paciente me recebeu em sua casa sempre com a muita boa vontade.

Aos demais professores que fizeram parte da minha formação acadêmica, onde muitos realmente fizeram a diferença.

A todos, meu respeito, carinho e muito OBRIGADO por tudo!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: o problema, os objetivo e justificativa.....	8
1. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	12
2. PROJETO ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA, EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER: OFICINA BREAKERS-CULTURA HIP HOP.....	15
2.1. Projeto Escola Aberta Para a Cidadania, Educação, Esporte e Lazer.....	15
2.2. Oficina Breakers-Cultura Hip Hop.....	19
3. HIP HOP.....	23
3.1. Surge um Movimento Social e Cultural.....	23
3.2. A dança Original do Hip Hop: Break.....	33
3.3. O Break e O Hip Hop no Brasil.....	38
4. MOMENTOS SIGINIFICATIVOS DA PESQUISA.....	43
4.1 A Importância do Conhecimento das Origens do Movimento e da Cultura Hip Hop para a prática consciente da dança Break.....	43
4.2 O Resgate da Dança Original: o Break.....	47
4.3 Expectativas dos Participantes, Professores e Coordenador do Projeto em Relação a Oficina de Hip Hop.....	49
4.4 O Ensino e o Aprendizado da Dança por Meio da Troca Solidária.....	52
4.5 A Dança ligada ao Hip Hop sendo praticada em sua Totalidade.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	67
ANEXOS.....	70

1. INTRODUÇÃO: o problema, os objetivos e sua justificativa

Dançar é expressar por meio do corpo os sentimentos e as emoções estabelecendo uma relação dinâmica entre o homem e o mundo. A dança deve ser entendida como forma de arte e também como uma forma de conhecimento, já que por meio da dança o ser humano se conhece melhor, reconhece o outro e compreende o mundo de maneira mais clara, desenvolvendo além da expressão artística, a consciência crítica, o auto conhecimento e a construção de novas formas de conhecimento. A dança é também um importante meio educacional, não se resumindo apenas na aquisição de habilidades e reprodução de movimentos, mas sim no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo, por meio de um processo artístico que visa como objetivo maior à educação do ser em todos os seus aspectos.

Nesta perspectiva, a dança enquanto elemento do movimento social Hip Hop parece ser um meio de transformação do ser na sociedade, podendo ser uma forma de dança privilegiada para ser implantada nas escolas, pelo seu significativo valor educacional. A dança ligada ao movimento social Hip Hop, traz consigo aspectos educacionais de grandes valores, que possibilitam a reflexão crítica sobre questões de cidadania, políticas culturais, sociais, entre outras, além de uma participação mais efetiva das pessoas na sociedade. Nesta perspectiva, dança ligada ao movimento Hip Hop, principalmente o Break por ser a dança original do Hip Hop, parece preencher dimensões educacionais importantes na formação do ser humano, principalmente quando ela aproxima os alunos de sua realidade social.

O movimento social Hip Hop nasceu nos guetos de Nova York aproximadamente na década de 70, formado por quatro elementos: o DJ, o MC, o

Grafite e o Break. Segundo Oliveira, (2006, p. 66), esse movimento “é constituído dos elementos que tiveram seu surgimento de forma isolada e gradativamente foram se agregando, formando o Hip Hop”. O movimento Hip Hop caracteriza-se por ter uma postura de contestação socioeconômica assumida pelos jovens pertencentes às camadas mais populares, manifestando suas insatisfações com as condições econômicas e sociais, incorporando uma postura crítica frente à realidade em que se encontram (Santos e Dangelo, 2006). O Hip Hop em sua origem pode ser considerado como uma resposta da juventude pertencente às classes menos favorecidas da sociedade em sua maioria negra, à classe dominante, como forma de protesto contra a violência, exclusão social, preconceito racial e condições econômicas desfavoráveis. Neste sentido, Toneto (2004), fala que o Hip Hop parte da idéia da auto valorização da juventude de sua maioria negra, que está associada à marginalidade e exclusão tanto econômica quanto educacional e racial, tendo como objetivo a conscientização coletiva a favor da participação efetiva destas pessoas na sociedade. Integrar a dança do Hip Hop nas escolas como uma ação educativa, possibilita o desenvolvimento dos alunos como agentes sociais por meio de sua participação na dinâmica social, com base no movimento, na liberdade, alegria, informação, história e arte. Aproveitando, as qualidades humanas como a generosidade, solidariedade, respeito às diferenças culturais para a construção de conhecimento visando à construção e transformação do ser social (Toneto, 2008).

O elemento do Hip Hop estudado nesta pesquisa é o Break que representa a dança do movimento. O Break surge como uma forma que as gangues de Nova York encontraram para amenizar suas diferenças sem violência, resolvendo seus conflitos vendo quem era o melhor na dança. Para Adão (2006), o Break desenvolve o senso crítico, não aceitando os condicionamentos sociais liberando o corpo nas rodas de improvisação. Por meio do movimento e da cultura Hip Hop os jovens encontram uma forma de ouvir a própria voz, desta forma, o Hip Hop se mostra como um movimento contestatório no seu vocabulário, nas vestimentas, na sua corporeidade e na sua arte, a qual relata a realidade em que vivem. Segundo Reckziegel e Stigger (2005), os elementos do movimento social e cultural Hip Hop foram se difundindo pelo mundo todo através dos meios de comunicação de massa. No Brasil não foi

diferente, pois o Hip Hop chegou por meio da dança através da mídia que não se preocupava em passar o contexto histórico e cultural do movimento. Por esse motivo, as pessoas começaram a praticar a dança do Hip Hop, sem saber suas origens e o que ela realmente representava. Com a popularização e a mercadorização da dança Break, pela mídia, houve uma confusão do que era Break e o que não era. Com isso o Break ficou um pouco esquecido, assim como e a própria cultura Hip Hop, situação esta que fez com que se perdesse um pouco da essência original do movimento Hip Hop. Deparando-me com esta situação, percebi a necessidade de resgatar o Break assim como sua origem e cultura nas aulas de dança. Ao longo dos anos, a medida que fui conhecendo o Hip Hop, percebia que a prática de dança ligada a ele deveria ter um sentido que estivesse relacionado aos princípios culturais do movimento e não somente a prática da dança pela prática. Pois o que geralmente encontramos hoje não é o ensino do Break original e sim uma reprodução de movimentos de danças que não são Break (mas se intitulam como se fossem), que visam somente a reprodução coreográfica. Neste sentido, Gariba e Franzoni (2007, p. 160), falam que “buscar uma prática pedagógica mais coerente por meio da dança, consiste em possibilitar ao indivíduo expressar-se criativamente, sem exclusões, tornando essa linguagem corporal transformadora e não reprodutora”. Esta situação me fez refletir sobre uma prática de dança ligada ao movimento Hip Hop que estivesse conectada com suas origens e cultura, que de fato pudesse constituir bases para possíveis transformações sociais. Diante disso, durante minhas reflexões percebia o quanto esta prática poderia ser importante nas escolas públicas, principalmente as situadas nas camadas mais populares da sociedade, por se aproximar da realidade dos alunos.

O ensino da dança ligada ao Hip Hop na escola deve ser um meio de educação informal que auxilia na busca da cidadania e na atuação do ser na sociedade, nesse sentido este ensino deve se preocupar tanto com o resgate da prática do Break como das origens do movimento e da cultura Hip Hop, para que seja desenvolvida no que acredito ser sua *totalidade*. De encontro com esta perspectiva, a oficina de dança Breakres-Cultura Hip Hop realizada no Instituto Estadual de Educação, pertencente ao projeto “Escola Aberta”, é um possível meio

para o desenvolvimento destas dimensões educacionais da dança do Hip Hop, que visam a transformação social. A oficina oferece aos seus participantes o desenvolvimento da dança original do Hip Hop, o Break, proporcionando o conhecimento da cultura e da origem do movimento Hip Hop, e o contato com as danças urbanas relacionadas ao Hip Hop que foram agregadas ao Break. A oficina de dança Breakers-Cultura Hip Hop só afirma a importância de atividades, na escola, voltadas para as comunidades em geral, que estejam ligadas a uma prática corporal, cultural e social, podendo ser um importante meio de auxílio na educação voltada à participação consciente do ser na sociedade.

A partir de então, surgiu o interesse em fazer este estudo de caso nesta oficina. Desta forma, o objetivo principal desta pesquisa é refletir sobre a dança no movimento social e cultural Hip Hop, na oficina Breakers - Cultura Hip Hop. No entanto a partir deste objetivo surgiram outros não menos importantes que permearam este estudo: Compreender qual é a proposta de dança da oficina Breakers cultura hip hop; conhecer quais as expectativas dos participantes, professores e coordenadora em relação a oficina de Hip Hop; incentivar a dança ligada ao movimento Hip Hop na escola.

Então, este estudo se justifica pela importância da realização da dança do Hip Hop por meio do conhecimento desta cultura, uma vez que muitas pessoas a praticam sem ao menos conhecer o que está praticando, esquecendo assim de suas origens e da verdadeira intenção da dança dentro do movimento Hip Hop. Desta forma, quer-se afirmar a importância de conhecer as possibilidades do movimento social Hip Hop, criadas por meio da dança, construindo de forma coletiva uma consciência que estabeleça um compromisso com a sociedade e possibilitando, que todos os aspectos e valores desta dança se desenvolvam harmoniosamente em toda sua totalidade, podendo tornar-se parte integrante do processo educacional.

1.1. PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

O presente estudo destina-se a refletir sobre a dança no movimento cultural e social Hip Hop. Por meio de um estudo de caso realizada na oficina de dança do

projeto Escola Aberta denominada Breakers-Cultura Hip Hop, pretende-se fazer a reflexão sobre como a dança se manifesta na cultura Hip Hop, compreender qual é a proposta de dança da oficina e conhecer quais as expectativas dos participantes, professores e coordenadora em relação a oficina. Conhecendo as possibilidades do movimento social Hip Hop, criadas por meio da dança.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois pretende compreender e refletir mais profundamente sobre a dança no movimento cultural e social Hip Hop. Este tipo de pesquisa se caracteriza por não apresentar dados quantificáveis e que permite que o investigador interaja e tenha um contato direto com a situação ou objeto de estudo. Segundo Minayo (1994, p.22), a pesquisa qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, estudando o que não pode ser captado por equações, médias e estatísticas”. A mesma autora ressalta que a pesquisa qualitativa corresponde a questões particulares se preocupando com o nível de realidade. Desta forma, Este tipo de pesquisa visa compreender os fenômenos de uma determinada realidade.

Dentre as formas de pesquisa qualitativa, optou-se pelo estudo de caso pois busca uma reflexão mais profunda de uma determinada situação ou contexto específico. De acordo com Triviños (1987), o estudo de caso é o mais relevante dos métodos qualitativos, que busca analisar profundamente uma determinada unidade de estudo. Desta maneira o estudo de caso procura saber como e por que certos fenômenos acontecem.

O presente estudo foi realizado na Oficina Breakers-Cultura Hip Hop pertencente ao projeto Escola Aberta para Cidadania, Esporte, Educação e Lazer que acontece no Instituto Estadual de Educação em Florianópolis. A amostra da pesquisa foi composta de crianças, adolescentes e adultos do sexo masculino e feminino de idades variadas, participantes da oficina de dança Breakers -cultura Hip Hop, dos dois professores da oficina e da coordenadora do projeto Escola Aberta.

Os instrumentos utilizados para enriquecer a pesquisa foram observações e entrevistas semi-estruturadas, e foram escolhidos por serem os mais apropriados para este tipo de estudo. As entrevistas foram feitas individualmente com cada

participante, professor e coordenadora. Para as observações utilizou-se um diário de campo para registrar os dados mais importantes. Para Minayo (1994), diário de campo é um instrumento onde o pesquisador pode colocar seus questionamentos, angustias, percepções e varias informação sobre o objeto ou realidade de estudo. Desta forma é considerado um importante meio de registrar as observações realizadas.

Foram feitas observações das aulas da oficina e entrevistas semi-estruturadas com a coordenadora do projeto, com os dois professores e com os participantes da oficina Breakers-cultura Hip Hop. Nas entrevistas semi- estruturadas constaram perguntas relativas à: pratica da dança, relação da dança com a cultura Hip Hop, objetivos, metodologia, interesses, sobre o conhecimento da cultura hip hop, educação e compromisso social. Foram realizadas 3 entrevistas diferentes, uma para a coordenadora, outra com os professores e outra com os participantes. Tais entrevistas foram feitas individualmente com cada participante, professor e coordenadora. De acordo com Triviños (1987, p. 145-146), “a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios que o investigador tem para realizar a coleta de dados”. A entrevista semi-estruturada parte dos questionamentos que mais interessam a pesquisa e que na seqüência oferecem muitas outras perguntas fruto de novas hipóteses (idem).

As observações foram realizadas na oficina durante seis sábados das 14hs às 18hs que é o tempo de duração da oficina. As entrevistas foram realizadas durante dois sábados com o auxilio de um gravador. Ao todo foram realizadas 13 entrevistas sendo que destas uma com a coordenadora e duas com os professores. Integraram o estudo os participantes que estavam presentes nos dias das entrevistas e nos dias das observações. A escolha dos participantes para a realização da entrevista foi baseada no tempo de permanência dos participantes na oficina (a maioria que esta na oficina a mais de um ano). Para preservar a identidade dos participantes foram usados nomes fictícios para sua identificação.

Por meio das observações e das entrevistas foram identificados cinco momentos de reflexão mais significativos da pesquisa. Estes pontos foram:

- ✓ A importância do conhecimento das origens do movimento e da cultura Hip Hop para a prática consciente da dança Break .
- ✓ O resgate da dança original do Hip Hop: o Break.
- ✓ Expectativas dos participantes, professores e coordenador do projeto em relação à oficina de Hip Hop.
- ✓ O ensino e o aprendizado da dança por meio da troca solidária.
- ✓ A dança ligada ao Hip Hop sendo praticada em sua totalidade.

2. PROJETO ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA, EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER: OFICINA BREAKERS-CULTURA HIP HOP

2.1. Projeto Escola Aberta Para a Cidadania, Educação, Esporte e Lazer¹

O projeto Escola Aberta para Cidadania, Educação, Esporte e Lazer, é um programa de execução de política pública com a intenção de beneficiar a população em geral e principalmente os jovens. O projeto é realizado nas escolas públicas estaduais e municipais situadas em comunidades urbanas em situação de risco e vulnerabilidade, oferecendo atividades de educação, cultura, esporte, lazer e formação inicial por meio de oficinas gratuitas realizadas nos finais de semana. O objetivo geral do programa é repensar a escola como espaço alternativo para o desenvolvimento de atividades que possam contribuir para a melhoria da qualidade da educação, para a inclusão social e a construção de uma cultura de paz, mediante a ampliação das atividades oferecidas aos alunos e à comunidade, nos finais de semana. Além do objetivo geral, o projeto visa promover e ampliar, a aproximação e a integração entre a escola e a comunidade, ampliar as oportunidades de acesso a espaços de promoção da cidadania e contribuir para a redução da violência nas comunidades escolares. Desta forma as expectativas do projeto são: aproximação da comunidade e escola; melhoria dos indicadores tradicionais de educação; oferecer oficinas gratuitas que contribuam para educação e formação; construção da cultura de paz; alternativas de e para a Inclusão social.

¹ Dados do projeto foram cedidos na forma de texto pela coordenadora, e alguns dados extraídos da entrevista realizada com mesma.

O projeto Escola Aberta Para Cidadania, Educação, Esporte e Lazer é uma iniciativa federal ou estadual, financiada pelo Ministério da Educação e pela Unesco tendo como parceiros o Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério do Esporte e Ministério da Cultura, seus órgãos executores são as secretárias de Educação e as Escolas Públicas de Educação Básica. A estrutura do programa se organiza a partir de um trabalho conjunto articulado com as Secretarias de Educação e a Unidade Escolar. A secretaria de Educação entra com o Coordenador Interlocutor, Coordenador Temático (pedagógico, esportivo e cultural) e o Supervisor. A Unidade Escolar entra com coordenador escolar, professor comunitário e ou oficinairos (ressarcidos ou não ressarcidos). A posposta pedagógica do projeto partiu de três eixos estruturantes: educação, cidadania e inclusão social. Seus princípios são a solidariedade (ética da cooperação); o respeito a diversidade (cultural, étnica, lingüística, religiosa, orientação sexual e classe social); o trabalho como meio de transformação do ser e da sociedade; preservação do meio ambiente (patrimônio natural e construído); e a autonomia. O eixo Educação tem como reforço teórico e legal a LDB, Art. 1º, que fala que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. O eixo cidadania, uma vez que é uma condição construída historicamente, é o objetivo geral da educação e resultado do acesso a diversas políticas públicas relativas a direitos sociais que precisam de espaço para sua oportunização, aponta para o ser cidadão, quer dizer participar de uma sociedade, tendo direitos a ter direito, assim como modificar os direitos existentes e construir novos, interferindo de maneira criativa na construção da sociedade. E por último e não menos importante, o eixo inclusão social que se relaciona com o acesso a todos os benefícios que a sociedade pode oferecer, baseada no respeito às diferenças, no exercício da cidadania e dignidade humana.

As escolas que participam do programa recebem recursos do governo federal ou estadual para ressarcir um coordenador, um organizador, os oficinairos, para a aquisição de materiais de consumo e/ou permanentes para as oficinas realizadas no projeto. Ao todo, participam do programa 86 municípios das 5 Regiões do Brasil.

Segundo os dados do projeto estima-se um público de mais de 1 milhão de beneficiados por mês, entre estudante, familiares, e comunidade sendo aproximadamente 120 atendimentos por final de semana nas escolas de todo país.

O projeto Escola Aberta procura atender a comunidade por meio de oficinas oportunizando o acesso de todos e os direitos do cidadão, principalmente ao esporte, lazer e educação. As oficinas são organizadas de acordo com as demandas das comunidades locais e conduzidas por professores comunitários,icineiros ou talentos da comunidade. São atividades nas mais variadas áreas, que estimulam as comunidades a repensarem suas práticas culturais e a utilização do seu tempo disponível de forma positiva, criativa e autônoma.

As oficinas são gratuitas fomentadas pelo MEC e atendem a comunidade nas áreas de cultura, arte, esporte, lazer, saúde, informática, trabalho e educação. Seus objetivos são: a formação inicial para o trabalho, informação, cidadania, recreação e entretenimento. As oficinas são ministradas voluntariamente por talentos escolares locais ou por meio de parcerias, realizadas nas escolas que favorecem inclusão, desenvolvendo cultura e educação por meio do lazer. De acordo com a área que procuram atender, estas oficinas são organizadas e classificadas em: Recreativas e de Lazer, Formativas e de Educação. As oficinas Recreativas e de Lazer oferecem atividades de esporte, dança, teatro, cinema comunitário, recreação, shows, apresentações e feiras. As oficinas Formativas oferecem cabeleireiro, informática, marcenaria, artesanato, corte e costura, customização, bordado, manicura e pedicuro, eletrônica, culinária e mecânica. As oficinas de Educação oferecem sessões de leitura, conhecimento dos direitos humanos e o desenvolvimento da cultura de paz.

Segundo o material consultado que contem dados do projeto, a última avaliação do MEC e da UNESCO apresentou resultados significativos que reforçam a importância de um trabalho voltado à comunidade por meio da escola, principalmente focalizado nas áreas consideradas violentas ou de risco. Segundo estes dados, os resultados apresentam uma significativa redução dos índices de violência no âmbito escolar e seu entorno, melhorias no aprendizado dos alunos

identificando um maior interesse e um melhor aproveitamento escolar, melhoria no clima interno da escola (aluno-aluno; aluno-professor) registrando menor número de conflitos e melhoria das relações entre escola e comunidade com maior abertura, maior participação e maior envolvimento de ambas as partes. Estes resultados de acordo com o material consultado reafirmam a importância de políticas públicas responsáveis e de qualidade nas escolas, que envolvam a comunidade em geral e principalmente que focalizem a educação e recuperação de jovens que vivem em comunidades de risco. No entanto, em proporção com o número de locais de risco e vulnerabilidade que temos no país, ainda são poucas as escolas que pertencem ao programa, e há ainda o ponto fraco do programa que é a sua vulnerabilidade à política vigente, uma vez que a cada eleição a escola corre o risco de se desligar do programa. Todas estas evidências divulgadas pelos dados do projeto encontradas nos resultados e as contribuições que as Escolas Abertas vêm proporcionando às suas comunidades e pelo aumento no número de escolas que estão aderindo ao programa, acredita-se que, futuramente por meio da conscientização política dos governantes, ele poderá se tornar uma política permanente em nosso país.

Atualmente há cerca de 15 escolas que participam do programa Escola Aberta em Florianópolis e a oficina do presente estudo é realizada no Instituto Estadual de Educação localizado na Avenida Mauro Ramos, no centro de Florianópolis. O Instituto aderiu ao programa em 2007, e a 3 anos oferece a comunidade local oficinas de Hip Hop, teatro profissionalizante, canto e expressão vocal, futebol, grupo de estudo de história e capoeira. O Instituto Estadual de Educação é situado em uma área considerada de risco em Florianópolis, por causa da violência urbana, problemas de periferia e pela escola sofrer depredação pela própria comunidade. Segundo a coordenadora do projeto no Instituto, entre as oficinas oferecidas a que teve uma maior receptividade da comunidade que conta com o maior número de participantes, é a oficina de Hip Hop, a qual será abordada no próximo item.

2.2. Oficina Breakers - Cultura Hip Hop²

A Oficina Breakers-Cultura Hip Hop, faz parte do projeto Escola Aberta para Cidadania, Educação, Esporte e Lazer, é realizada no Instituto Estadual de Educação em Florianópolis. A oficina de dança Breakers-Cultura Hip Hop acontece aos sábados das 14 horas às 18 horas de forma gratuita, aberta para toda comunidade local e também para comunidades de outras regiões. Oferecendo aos seus participantes, por meio de sua prática, o desenvolvimento da dança original do Hip Hop, ou seja o Break. O Break proporciona o conhecimento da cultura Hip Hop e o contato com as danças urbanas que estão relacionadas ao movimento Hip Hop. A oficina é ministrada por doisicineiros que são ressarcidos pelo programa.

Os objetivos da oficina são mostrar o que é a cultura Hip Hop, orientar o desenvolvimento das habilidades da dança Break (o que não se passa na mídia), a socialização, a solidariedade coletiva, instruir a pessoa para uma cultura de paz, amor, união e diversão, na tentativa de formar valores como a amizade, companheirismo, respeito, união, a preocupação com o outro, etc.

A oficina iniciou em setembro de 2007 com cerca de 4 participantes, segundo a coordenadora a oficina de Hip Hop fez tanto sucesso que hoje tornou-se a oficina mais procurada do projeto com aproximadamente 30 participantes todos os sábados. A coordenadora ainda fala que o sucesso da oficina se deu pelo fato de der uma prática de dança ligada a comunidade urbana, aos professores que são os mesmos desde o começo da oficina há três anos e tem uma relação de amizade com os alunos, e também o fato dos jovens da escola começaram a freqüentar a oficina durante a semana na hora do recreio faziam rodas dançando Break o que atraiu cada vez mais pessoas.

Geralmente, as pessoas que freqüentam a oficina vem de vários bairros de Florianópolis e até de outras cidades, e não só da comunidade local, a idade dos participantes varia entre 5 e 50 anos e em sua maioria pertencem à classe média baixa. As pessoas que participam são crianças, adolescentes, adultos, homens, mulheres, que pertencem a algum grupo de dança, entre outros; o público é bem

² Dados da oficina foram obtidos por meio das observações e entrevistas com os professores.

diversificado, porém é mais voltado pra crianças e adolescentes, residentes de bairros carentes de Florianópolis, que possuem algum tipo de conflito em casa ou na escola apresentando problemas de comportamento. Outros são adeptos da cultura Hip Hop e praticantes, principalmente, de Break ou de algum outro tipo de dança ligada ao Hip Hop, e que pretendem desenvolver suas técnicas de dança ou aprofundar seus conhecimentos sobre a cultura Hip Hop.

A princípio, o local de realização da oficina era uma sala de aula de madeira, porém os professores da oficina preferiram o pátio por ser um espaço com o piso mais propício para a prática do Break, onde não precisavam tirar as carteiras e cadeiras da sala perdendo assim muito tempo da oficina. Desta forma atualmente a oficina é realizada no pátio da escola e aberta pra qualquer pessoa, e de qualquer lugar, sendo um espaço mais informal para a prática de dança tornando se um ambiente característico do Hip Hop. O espaço onde é realizado a oficina e a forma como ela acontece e bem informal e favorece a criatividade e a liberdade de expressão por meio da dança. A oficina tornou-se um espaço para além da aprendizagem e desenvolvimento dança do Hip Hop. Na oficina as pessoas têm autonomia e liberdade para praticarem e aprenderem entre si, trocar experiências de dança e de vida sem regras rígidas, torna se desta forma um espaço para socialização e aprendizado da dança e da cultura Hip Hop.

Uma das características principais da oficina é o fato das aulas não serem necessariamente planejadas, a figura do professor não é centralizada nosicineiros, tanto que eles mesmos se intitulam como orientadores ao invés de professores, pois ressaltam que ali eles apenas dão o empurrão inicial e acreditam que eles ainda têm muito que apreender sendo apenas orientadores da prática conciente da dança do Hip Hop, a partir daí o participante tem a liberdade de criar seus movimentos. Fala-se de prática conciente, pois há uma certa preocupação com resgate das origens do Hip Hop, que permite uma ligação da dança com a cultura Hip Hop, dando assim mais sentido a prática da dança. A oficina possui um diferencial que é o atendimento individual, ou seja, as pessoas que chegam tem uma conversa inicial com os professores para dizer o que querem aprender e o que sabem sobre a dança ou sobre a cultura, esta conversa é mais especifica principalmente para quem nunca fez

algum tipo de dança ou não sabe nada ou pouco sobre a dança a cultura Hip Hop. Nessa conversa inicial, os professores explicam o que é cultura Hip Hop e sua origem, falam sobre a origem do Break no Brasil, ensinam e demonstram os passos básicos do Break e algumas danças urbanas que se agregaram ao Break relacionadas ao Hip Hop como popping, locking, rocking, orientam as pessoas de como dançar Break, como escutar a música e interpretá-la, como se movimentar com o estilo do Break colocando cada um seu estilo pessoal, e etc. A intenção é que a partir dos passos básicos do Break os participantes comecem a criar seus próprios movimentos utilizando a improvisação acontecendo a partir deste momento a troca de conhecimento entre os participantes, tornando cada um além de aluno, professor também. A dança na oficina é centralizada cerca de 80% na roda de Break como originalmente era praticada, há um roda principal onde os participantes interagem entre si fazendo geralmente demonstrações individuais de seus passos e movimentações e algumas pequenas rodas espalhadas pelo pátio onde os participantes ficam aprendendo ou ensinando algum tipo de passo ou movimentação nova.

Os participantes quando iniciam na oficina recebem um material educativo que consiste em uma apostila sobre o movimento e a cultura Hip Hop, com textos e reportagens educativas sobre a história que deu origem ao Hip Hop, uma apostila de grafite com o alfabeto todo na forma estilizada da letra e instruções de como fazer grafite, um CD com as musicas de Break e um DVD com documentários sobre a dança Break e seus campeonatos. A oficina utiliza-se do material disponibilizado pelo programa para realizar a oficina e da verba do programa pra disponibilizar o material didático aos participantes além disso os únicos materiais para a realização da oficina além do material produzido pelos professores disponibilizado para os alunos são o som e as caixas de som. Durante o tempo de realização da oficina, há um intervalo, na qual a por iniciativa própria a coordenadora do projeto Escola Aberta oferece um lanche pra os participantes. Esta iniciativa se deu, segundo ela, por causa alguns jovens que vêm de longe e não podem comprar algo pra comer no tempo que estão na oficina. A divulgação da oficina é realizada por meio de apresentações ou demonstrações de dança na própria escola durante o recreio ou algum evento, em

outras escolas de Florianópolis, nos eventos de dança, pela internet entre outras formas de divulgação.

A oficina de dança Oficina Breakers-Cultura Hip Hop tem em sua prática baseada no movimento social e cultural Hip Hop, o qual será abordado no próximo capítulo.

3. HIP HOP

3.1 Surge um movimento social e cultural

Segundo Vargas (2003), Uma das primeiras manifestações do Hip Hop pela vertente dança de rua, surgiu por volta de 1929, época de grande crise econômica nos Estados Unidos onde muitos músicos e dançarinos que trabalhavam em cabarés haviam perdido seus empregos, e foram para as ruas fazer seus shows em troca de dinheiro. Esta manifestação de rua influenciaria de forma positiva o movimento social e cultural Hip Hop criado cerca de 30 anos depois.

A crise do final dos anos 60 e 70 como umas das conseqüências do pós-guerra trouxeram consigo várias transformações socioeconômicas que atingiram o mundo todo. Com a crise surgiram diversas desigualdades e dificuldades, tanto econômicas quanto sociais em diversos países, em especial nos Estados Unidos. Estas transformações afetaram não só a situação política, econômica e social destes países, como também a forma de pensar e o comportamento da juventude, principalmente dos jovens moradores das camadas menos favorecidas da sociedade. Segundo Pimentel (citado por Costa 2008), os anos 60 foram tempos de confronto raciais, sociais e políticos nos Estados Unidos que culminaram com a guerra do Vietnam (1965-1975); era época de guerra fria e milhares de jovens americanos morreram, muitos voltaram mutilados e traumatizados pela violência que haviam presenciado e a partir daí, muitos protestos anti-guerra surgiram por todo país. O capitalismo foi uma das principais conseqüências destas transformações socioeconômicas e segundo Oliveira (2006, p.63), “para o capitalismo o que interessa é a produção, reprodução e ampliação do capital; pouco importa se isso

submete as demais relações e sua lógica”. A mesma autora fala que o capitalismo é uma forma criada pela classe detentora do capital, para evitar os conflitos e as manifestações que não são esperadas por elas na tentativa de manipular e camuflar a intenção de suas idéias como sendo únicas e inquestionáveis. Na década de 70 nos Estados Unidos, surge o movimento Hip Hop, que está relacionado às conseqüências imediatas do capitalismo como o preconceito racial, a miséria e a desigualdade. Esta situação foi vivenciada por várias comunidades, principalmente na periferia americana onde o crescimento urbano e tecnológico gerava a divisão de trabalho e o desemprego, devido à automação de tarefas antes realizadas manualmente. Estas situações desestruturaram de forma significativa o cenário econômico e social dos Estados Unidos fazendo com que se estabelecesse uma necessidade de reestruturá-lo (Oliveira, 2006). Para Silva (1998), as transformações sociais vivenciadas pelos jovens tornaram-se objeto de ação e reflexão para os segmentos juvenis mais diretamente ameaçados pela reestruturação da cidade, especialmente para os jovens afro-americanos e de origem hispânica que se tornaram os principais sujeitos do processo de constituição do movimento Hip Hop. O movimento Hip Hop, do ponto de vista étnico, cultural e artístico, se caracteriza por não ser uma manifestação homogênea. No processo inicial de elaboração do movimento Hip Hop ocorreram contribuições diferenciadas de jovens migrantes, latinos, caribenhos, afro-americanos que trouxeram experiências estéticas relacionadas à dança, às artes visuais e à música (Silva 1998).

Segundo Oliveira (2006), outro fator que ocorreu paralelo ao surgimento do Hip Hop e que influenciou sua propagação foi a Guerra do Vietnã (1965 e 1975), em que os “dançarinos de rua” para contestar o fato de os soldados recrutados serem em sua maioria negra e latina, reproduziam movimentos representando soldados mutilados, ou hélices dos helicópteros utilizados na guerra, entre outras representações. Nesta época, entre as décadas de 60 e 70, proliferou uma grande discussão sobre os direitos humanos nos Estados Unidos, na qual os marginalizados da sociedade de Nova Iorque se articularam para fazer valer suas propostas, que tinham como finalidade a eliminação de suas inquietações. Nesta mesma época grandes líderes negros, como Martin Luther King e Malcom X, bem

como muitos grupos, como os Panteras Negras, surgiram, com propostas diferentes, mas com o mesmo objetivo: lutar pelos direitos humanos e dos negros (Costa, 2005). Neste momento segundo Tonetto (2008, p.78), “Martin Luther King líder negro dos Estados Unidos, foi assassinado acarretando conflitos inter-raciais”. Outro fator importante foi a repressão política sofrida pelo movimento Pantera Negra, pela forte influência que exercia entre os jovens negros. Segundo Santos (2006), Martin Luther King, Malcom X e os Panteras Negras, influenciaram os primeiros praticantes do Hip Hop, principalmente artistas como Isaac Hayes que faziam os habitantes dos guetos dançarem as músicas que eles mesmos intitulavam de "RAPs".

Assim, o Hip Hop surge como um movimento de reação jovem, especificamente do Bronx (bairro dos subúrbios de Nova York) contra a realidade da época, construindo saídas criativas e agressivas para sua expressão e identificação, o que resultou na cultura Hip Hop. Para Fialho (2003), a base para o desenvolvimento dessa cultura foi à tensão entre os conflitos culturais, produzidos pela opressão pós-industrial e o compromisso com a expressividade da cultura negra. Desta forma, o movimento Hip Hop surge como uma forma de contestação da juventude negra aos conflitos sociais e econômicos da época, e que com sua expansão atingiu os jovens das camadas mais populares. Conforme Oliveira (2006, p.64), neste sentido o movimento Hip Hop nasce para “expor o descontentamento dos jovens com o modelo hegemônico, com o estilo de vida e com as condições socioeconômicas que lhes estavam determinadas. E de uma forma alternativa começaram a constituir a cultura Hip Hop”. Sendo assim, a iniciativa jovem deu origem a uma cultura que visava a transformação social em busca de uma vida mais justa e digna. Silva (1998) afirma que:

no Bronx nova-iorquino, os jovens entenderam que não poderiam ficar inertes as transformações econômicas e políticas, e elaboraram então estratégias que soaram como uma reação positiva aos problemas sociais que os atingiam diretamente. O desenvolvimento de práticas culturais relacionadas ao movimento Hip Hop tinha a princípio a idéia de que se “ficassem parados estariam perdidos”, isto é, seriam tragados pelas transformações sociais. As conseqüências negativas se fizeram sentir no cotidiano através do fortalecimento das gangues, da violência urbana e do trafico de drogas. Os jovens do Bronx mobilizaram a crítica

social em torno do movimento Hip Hop e partiram para a organização de ações positivas rumo á auto-afirmação (p. 35).

Os jovens encontravam nas ruas o único espaço de lazer, e geralmente entravam num sistema de gangues, as quais se confrontavam de maneira violenta na luta pelo domínio territorial. Conforme Adão (2006), as formações das gangues são justificadas pela tradição norte-americana em que os diferentes grupos não se misturavam, o que justifica a existência de gangues de hispânicos, de negros e seu confronto. As gangues nova-iorquinas, respondiam à opressão social com violência brutal e depredação dos prédios, sendo comum o confronto armado entre elas. Neste sentido, de acordo com Santos e Dangelo (2006), o Hip Hop surge no Bronx como uma forma de expressão e cultura, em resposta á exclusão social, por meio das transformações que a camada mais pobre da sociedade enfrentou no âmbito urbano. Outra característica fundamental do Hip Hop é a postura revolucionária e de contestação socioeconômica, assumida pelos jovens pertencentes às camadas mais populares, esboçando suas insatisfações e comunicando-se a partir de uma oralidade específica, arte e expressão corporal. Segundo Rocha, Domenich e Casseano (citadas por Toneto, 2008: p.78),

a definição conceitual do termo Hip Hop pode ser movimento social ou cultura de rua. Como movimento social sua ideologia parte da auto-valorização da juventude de descendência negra, que esta associada a marginalidade e exclusão, tanto econômica quanto educacional e racial e como manifestação cultural, tem seu objetivo na conscientização coletiva e de caráter político.

O movimento Hip Hop pode ser considerado, por sua origem como uma cultura popular, pois a cultura popular é algo feito para o povo e pelo povo. A cultura popular representa a forma pela qual os jovens das camadas populares se organizam, compreendem, apreendem, e re-significam a cultura predominante, portanto é a forma como estes absorvem e apreendem, as manifestações culturais, inclusive da cultura dominante na tentativa de transformá-la (Avila, Oliveira e Pereira, 2005).

Nessa direção, Marcuse (citado por Oliveira 2006, p. 65), deixa claro que na cultura os valores da realidade social são reconhecidos podendo haver diferenças

referentes às instituições dominadas e às relações entre os componentes da respectiva sociedade. Oliveira (2006), afirma que o que possibilita chamar o movimento Hip Hop de cultura, seria somente porque sua origem está baseada no popular. Desta forma, é a identificação com as questões da comunidade que determina o grupo que pertence ao movimento e o que detém e agrega possibilidades de conhecimento, assim como a leitura e explicação dos problemas da realidade.

De acordo com Toneto (2004), o movimento Hip Hop apresenta-se com um forte referencial que permite a conformação de identidades alternativas e de consagração jovem, contribuindo na construção de relações da comunidade que servem de base para novos movimentos sociais. A construção do movimento social Hip Hop torna-se neste momento uma maneira criativa de mostrar a cara e a voz da juventude menos favorecida. Desta forma o movimento Hip Hop é marcado por um forte conteúdo de contestação e criticidade que relata a realidade dos jovens das periferias. O Hip Hop parte da autovalorização da juventude negra (grande maioria nos guetos de Nova Iorque), que é muitas vezes associada à marginalidade e exclusão, portanto sua prática deve estar associada à conscientização coletiva e de caráter político (Toneto, 2004). Nesta perspectiva o Hip Hop passa a ser visto como um movimento contra a opressão social, a violência local, a discriminação social e o preconceito racial, sendo marcado por uma enorme conscientização política e um grande compromisso social. Assim, o Hip Hop em sua “totalidade”³ e promove por meio de suas manifestações: integração social, democracia, liberdade de expressão, respeito às diferenças, formação do ser social, melhora da auto-estima, conhecimento de si próprio e do outro, solidariedade, socialização entre as pessoas e suas experiências de vida, formando valores e conceitos sociais importantíssimas para a formação de pessoas participantes da sociedade de forma consciente e responsável.

³ Este termo nesta pesquisa entende-se como o desenvolvimento das dimensões educacionais e sociais por meio da dança do hip hop, fundamentais pra a construção e transformação social.

O termo Hip Hop foi criado pelo DJ⁴ Afrika Bambaataa e significa saltar (hop) movimentando os quadris (hip). Segundo Adão (2006), Afrika Bambaataa liderou a Zulu Nation, a organização de Hip Hop mais famosa do mundo que chegou a reunir 10.000 membros em todo mundo. De acordo com OLIVEIRA (2006), o DJ Afrika Bambaataa, teria se inspirado em dois movimentos cíclicos: um deles estava centrado na forma pela qual se transmitia a cultura dos guetos americanos, a outra na forma de dança popular na época, a qual consistia em saltar movimentando os quadris.

Para Juny, (citado por Santos, 2006, p. 19-20), neste contexto,

nascia no movimento Hip Hop diferentes manifestações artísticas de rua como música, dança, poesia e pintura. Os DJ's Afrika Bambaataa, Kool Herc e Grand Master Flash, Grand Wizard Theodore, GrandMixer DST (hoje DXT), Holywood e Pete Jones, entre outros, observaram e participaram destas expressões de rua, e começaram a organizar festas nas quais estas manifestações tinham espaço, nascendo assim as "Block Parties".

Neste momento, segundo Ribeiro (2006), Afrika Bambaataa percebe que os conflitos nos guetos estão fora de controle e propõe que os jovens envolvidos nesses conflitos resolvessem suas disputas territoriais por meio de "batalhas dançantes" realizadas nas festas. A idéia então era competir com criatividade e não violência, reafirmando cada vez mais a idéia de um movimento de resistência contra a violência e o preconceito. Com o nascimento das festas, as gangues encontram na arte uma forma de canalizar a violência a que viviam submersas e passam a freqüentar as festas e a dançar. Desta forma as gangues passaram a competir usando passos de dança ao invés de armas, adotando assim a proposta de Afrika Bambaataa. A partir de então com a propagação e evolução do movimento dando ênfase ao seu verdadeiro sentido, as gangues começaram a se dissolver uma a uma e as que permaneceram se conscientizaram e passaram a disputar apenas por meio da dança.

Afrika Bambaataa é considerado, além de criador do nome, entre tantas contribuições para o movimento, o responsável pela junção dos elementos que

⁴ É a pessoa que além de tocar as músicas nas festas manipula os toca discos e mistura sons diferentes para serem ouvidos e dançados, usando vários discos para fazer suas mixagens.

compõe o Hip Hop, e por anos denominado "Master of records" (mestre dos discos), por sua vasta coleção de discos de vinil (Santos, 2006). Assim como Afrika Bambaataa o DJ Hollywood foi de grande importância para o "Hip Hop", apesar de tocar ritmos mais "Pops" como a "Discoteca", foi o primeiro a introduzir em suas festas os "MC's"⁵ que animavam com rimas e frases que deram início ao "RAP"⁶. Os "MC's"⁵ faziam discursos rimados sobre a comunidade, à festa e outros aspectos da vida cotidiana da periferia. De igual importância, nesta época, o DJ Kool Herc utilizou grandes caixas de som ou equipamentos sonoros de alta potência para embalar as festas dos guetos no Bronx, esta se tornaria com o passar dos anos uma das características mais marcantes da cultura Hip Hop. Além desta inovação Ribeiro (2006), ressalta que Herc riscava seus discos para criar novos efeitos sonoros chamados de scratches (girar o disco pra frente e pra trás) que seriam novos sons utilizando dois toca discos ao mesmo tempo, repetindo assim a batida da música. Foi ele, então, o responsável pelo desenvolvimento da técnica de girar os pratos dos toca discos. Herc nunca tocava uma música inteira, só as partes que as pessoas mais gostavam, por esse motivo ele chamou a técnica de Break (batida mais marcante da música quando repetida) que mais tarde seria o nome do estilo de dança do Hip Hop.

O "Break" das músicas eram só alguns segundos então ele resolve ampliar o som usando dois toca discos iguais dando o nome de Break –Beat. De acordo com RIBEIRO (2006), as técnicas de Herc teriam sido aprimoradas por outro DJ chamado Grandmaster Flash, criando a primeira bateria eletrônica do Hip Hop, chamado de beat Box consolidando assim o papel do DJ como peça fundamental do elemento "Rap". Conforme Pimentel (citado por Costa, 2008) acompanhando toda essa agitação artística ocorriam também inovações culturais. Para os negros dos guetos dos Estados Unidos os anos 60 no lugar de Rock and Roll, ouvia-se Soul. Nesta época James Brown cantava "say it loud: i'm black and proud" (diz em voz alta: tenho orgulho de ser negro). E, foi a partir da música que muitos protestos começaram

⁵ É o Mestre de Cerimônia, é como se fosse o "porta voz" da comunidade. O MC canta o RAP.

⁶ É o ritmo e a poesia, segundo SANTOS (2006), caracterizado pelo ritmo acelerado e pela melodia bastante singular. As letras podem ser recitadas, faladas ou cantadas, são polêmicas e tratam em geral de questões cotidianas da comunidade negra.

⁵ É o Mestre de Cerimônia, é como se fosse o "porta voz" da comunidade. O MC canta o RAP.

acontecer, principalmente pela musicalidade de James Brown. Contra atacando surge o Funk, como uma forma radical de música na intenção de surpreender os brancos.

Em virtude dos muitos conflitos que atingiam a vida cotidiana dos jovens pertencentes à periferia de Nova Iorque como as lutas violentas entre as gangues, drogas, racismo, violência policial, os espaços de lazer como os clubes noturnos foram comprometidos, com isto os jovens começaram a sair dos guetos e irem para o centro de Nova Iorque, transformando-o em espaços comunitários livres onde manifestavam toda a revolta contra a opressão local. A partir desta iniciativa juvenil, as ruas e praças passaram a ser apropriadas de forma positiva sendo recriadas em termos culturais. Estas atitudes certamente foram fundamentais para a popularização e conscientização do movimento Hip Hop que a partir deste momento foi se alastrando por todo país. Por ser um movimento social e cultural de grande impacto na sociedade daquela época, e por sofrer um certo tipo de preconceito por falta de informação da sociedade, houve a necessidade de divulgar a cultura Hip Hop. Foram criados locais onde os adeptos da cultura se encontravam e organizavam ações relacionadas ao Hip Hop em busca de solidariedade, amparo institucional e assistencial, palestras, eventos, e atividade de cultura e lazer envolvendo a música (RAP), a dança (BREAK) e a pintura (GRAFITE). Estes espaços eram chamados de *posses* e eram livres para quaisquer tipos de manifestações da comunidade principalmente ligadas ao movimento Hip Hop, lá as pessoas reivindicavam, dançavam e trocavam experiências de vida entre as comunidades.

Neste sentido, Silva (1998), afirma que práticas relacionadas a música, as artes visuais e a dança começaram a ganhar forma nas ruas, preparando o espírito do movimento Hip Hop e a constituição de seus três elementos centrais : o RAP (música), que é dividido em D.J. e M.C., o Graffiti (artes plásticas) e a Dança Break (expressão corporal). Há também autores que consideram que o movimento Hip Hop é constituído por um conjunto de quatro elementos: o DJ, o MC, o Break e o Grafite, além do estilo próprio de se vestir identificado por estes autores como um outro elemento que caracteriza o movimento Hip Hop. Neste sentido Costa (2005), ressalta que o Hip Hop além de ser um forte movimento social seria a junção de formas

distintas de representação cultural. O mesmo autor ainda diz que quando falamos dos elementos que continuam o Hip Hop, devemos nos referir a duas vertentes existentes já citadas anteriormente, a primeira defende a idéia de três elementos que se baseia na forma como estes elementos são transmitidos, e a segunda que defende a idéia de quatro elementos, baseada nos praticantes destas formas de transmissão dos elementos. Segundo Oliveira, (2006), estes elementos são distintos, tiveram seu surgimento de forma isolada e gradativamente foram se agregando e se relacionando entre eles.

O DJ no Hip Hop é a pessoa que além de tocar as músicas manipula os toca discos e mistura sons diferentes para serem ouvidas e dançadas, usando discos para fazer suas mixagens (misturas). Segundo Oliveira (2006), inicialmente o Dj realizava sua performance ao vivo nas festas ou ao ar livre, e ficava conhecido pela sua trilha sonora mixada. Também cabia à ele fazer a comunicação com o público, fazendo discursos, que se transformavam em letras elaboradas animando as festas. Enquanto o DJ tocava o Mestre de Cerimônia recitava poemas e trechos de músicas, a partir daí foi se configurando a presença do MC e do RAP.

O RAP é o ritmo e a poesia. Segundo Santos (2006), é um gênero musical criado entre negros e caracterizado pelo ritmo acelerado e pela melodia bastante singular. As letras podem ser recitadas, faladas ou cantadas, suas letras são polemicas e tratam em geral de questões cotidianas da comunidade negra, servindo-se muitas vezes das gírias correntes nos guetos das grandes cidades.

O Grafite representa as artes plásticas que é um meio de comunicação do Hip Hop que se expressa por desenhos coloridos feitos pelos Grafiteiros. O Grafite era encontrado espalhado pelas ruas das cidades, nos muros, nos prédios e nos trens (naquela época brancos) sendo um prato cheio para os grafiteiros. Esses desenhos têm o objetivo de passar uma mensagem através de símbolos ou escrita diretamente para a população. O grafiteiro usa um spray de tinta para fazer seus desenhos e divulgar sua arte, sempre com uma mensagem de cunho social por esse motivo muitas vezes é confundido com pichação, pois muitas pessoas fazem o mau uso do grafite.

E o Break por sua vez é a expressão do corpo no movimento Hip Hop, por meio da dança. Ao longo dos anos outros estilos de dança foram sendo agregados ao Hip Hop, no entanto o Break é considerado a dança original do Hip Hop. O Break será abordado no próximo item.

3.2. Break: A Dança Original do Hip Hop

O Break é a arte corporal das ruas representada pela dança e tem sua origem na re-significação do ser no meio cultural. Por meio do Break os jovens conseguem encontrar outras maneiras de ser jovens, tornando-se autores de uma vivência, que esta longe de ser uma sobrevivência diante do quadro de exclusão socioeconômico (ALVES citado por ALVES, 2007: p. 25).

A partir da proposta de Afrika Bambaataa em acabar com a violência e a conscientização da população residente das camadas menos favorecidas, as gangues começaram a se dissolver uma a uma, dando lugar aos grupos de rua que invadiam as festas nos “guetos” americanos desenvolvendo o Break, um estilo de dança repleto de mímicas, imitações de robôs e acrobacias, com influência das artes marciais, capoeira, danças urbanas da época e todo tipo de movimentação que representasse as situações e os conflitos dos “guetos” de Nova York daquela época. Break foi o nome dado pelo Dj Herc, pois segundo ele os jovens que iam as festas dançavam no Break da música, que era o nome dado a sua técnica de interromper a batida mais forte da música, como se ela estivesse quebrada e se repetisse por alguns segundos. Por meio do Break os jovens se desafiavam constantemente para ver quem era o melhor na dança iniciando, a partir daí, um processo de conscientização contra a violência, onde os grupos utilizavam a dança para resolver seus conflitos e como forma de se inserirem na sociedade. Uma vez que os jovens que eram excluídos, o Break passa ser uma possibilidade de transformação social. As disputas por meio do Break surgiram na tentativa de substituir as violentas brigas entre as gangues e mostrar para sociedade que nos “guetos” estigmatizados como locais de violência e pobreza também existia diversão e arte. Para Silva (1998), as contribuições para o Break relacionam -se com as experiências culturais dos jovens

excluídos no contexto da sociedade Nova Yorquina, em especial dos latinos, que contribuíram no processo de elaboração da dança. Nesta perspectiva, Santos e Dangelo (2006), ressaltam que o Break é a uma autêntica dança de rua criada por jovens negros e hispânicos pertencentes às camadas menos favorecidas da sociedade da cidade de Nova York. Com a extinção das gangues surgiram os “grupos de rua” que dançavam Break nas ruas como uma forma de competição. Silva (1998), ressalta que a rua desde início era o palco para a expressão da cultura Hip Hop, e teria surgido como o espaço mais visível das transformações sociais.

Os grupos de rua que competiam por meio do Break foram denominados de *Crews*, que criavam e ensaiavam os passos de dança para competir entre elas. Os jovens que dançavam o Break foram chamados de B.Boys (meninos) e B.Girls (meninas) e as disputas foram chamadas de batalhas ou rachas como são chamadas hoje. O Break foi ganhando outros espaços e das ruas passou a ser dançando nas festas (Block Parties), onde ocorriam muitas das batalhas de dança entre os grupos de rua. O

Break tem como característica marcante os movimentos “quebrados” e “acrobáticos” exigindo muito esforço e agilidade de quem pratica, sendo a força, velocidade, resistência, o equilíbrio e a flexibilidade os fatores que capacitam o corpo na aquisição de novas estruturas de movimento na dança (Alves, 2004). O Break geralmente era praticado em círculo (são as famosas rodas de Break), onde, por meio de batalhas ou rachas, os B.boys ou B.girls mostram suas habilidades e criam sua variedade de passos, sempre de acordo com o ritmo ou com a música por meio de sua improvisação que originalmente expressavam a resistência da juventude das periferias contra o sistema econômico e social do local. Então,

o break critica corporalmente o sistema, questiona as novas tecnologias em relação ao humano, não aceita os condicionamentos sociais liberando o corpo nas rodas de improvisação, no Break cada participante cria seu próprio estilo de movimentos individualmente sendo respeitado pelo grupo (ADÃO, 2006, p. 63).

Alguns autores como Alves (2007), falam que o Break no Hip Hop é formado por três estilos de dança originais o *Break b.boying*⁷, *Popping*⁸ e o *Locking*⁹. Esses três estilos formariam a base da dança Break, e cada um teria seu tipo de dançarino: para o Break o B.Boying, para o Popping o Poper e para o Locking o Loker. Alguns autores denominaram de Breaker o dançarino de Break, já que o B.Boy seria o dançarino do Break b.boy e o Breaker é o artista que dá vida à dança Break. Em outra perspectiva Marcelinho Back Spim¹⁰ afirma que esses três estilos são danças diferentes, e somente o Break é a dança original do Hip Hop. O Break dançado pelo b.boying seria a dança original do Hip Hop, por ser a primeira dança a ser incorporada como elemento do Hip Hop. Neste sentido Alves (2007, p. 28), afirma que o “Break b.boying é a dança mais tradicional do Hip Hop, pois surgiu junto com o movimento do Hip Hop, é caracterizada pelos movimentos de chão como *top rock, up rock, foot work, boogaloo e freeze, além dos giros de cabeça, mortais, o moinho de vento*”. Os jovens que competiam queriam ser os melhores na dança, então, a partir dos passos básicos começaram a aprimorar suas seqüências de passos e incrementar seus movimentos para surpreender os adversários, com isto os dançarinos passaram a utilizar e acrescentar à dança Break, às habilidades da ginástica olímpica e artística, aprimorando cada vez mais suas performances sempre necessitando de muita força, ritmo, agilidade e criatividade. Neste momento surge uma nova denominação para o Break: o Breaking.

O Breaking, de acordo com Silva (1998), seria a denominação dada ao aspecto acrobático e performático da dança Break. Acrescentando cada vez mais acrobacias o B.boy ou B.girl precisa ter ritmo, ginga e criatividade para interligar os passos e as acrobacias para não ser perder. Neste sentido, conforme Alves (2007, p 26) :

⁷ É a dança Breaking caracterizada pelos movimentos de chão.

⁸ Segundo SANTOS (2006), é um estilo de dança urbana que foi incorporada ao Hip Hop, influenciado pelos filmes ficção científica que traziam cenas de robôs que inspiraram muito a imaginação dos negros de Los Angeles. E sua maneira de dançar vai isolando os grupos musculares por meio de contrações, como se estivesse endurecendo as partes do corpo, fazendo também ondulações com o tronco e quadris.

⁹ Dança urbana incorporada ao Hip Hop, que indica as direções no espaço apontando o dedo. Surgiu no na década de 70, em Los Angeles.

¹⁰ Entrevista realizada pela pesquisadora Elisa Abrão, em 2009 durante o Festival de Dança de Joinville.

“o B.Boy tem que saber encaixar esta movimentação ao dançar para conseguir imprimir ritmo às manobras, do contrário o B.boy não dança, ele só gira, como se estivesse apresentando uma serie de ginástica a ser avaliada como um esporte de competição”.

No Break, as quebras das músicas e entre as músicas são muito valorizadas e determinam o ritmo da performance do B Boy ou B. Girl. Segundo Silva (1998), os movimentos iniciais do Break foram influenciados pelas performances de James Brown, que em suas apresentações realizava movimentos e passos quebrados e contorcidos, o que era, e certamente ainda é um atrativo para a maioria dos jovens adeptos do Break. Quanto aos estilos eles vão variar de acordo com as características locais de cada região. Os estilos encontrados na literatura foram o Europeu e o Americano. O estilo europeu evoluiu e expandiu a quantidade de movimentos acrobáticos, enquanto o estilo americano desenvolveu os aspectos criativos da dança. De acordo com Oliveira (2006), o Break de Nova York teria sofrido influências das artes marciais, dança africana, dança nativa dos Estados Unidos e da capoeira brasileira. Gradativamente foram sendo incorporadas novas rotinas à dança Break desenvolvidas a partir dos passos de dança de James Brown, com rápida movimentação das pernas, constituindo os passos característicos do B.boy, como por exemplo o *tock rock*, que é seu “cartão de visita”, o *footwork*, que é a base da dança e o *freeze*, que é o congelamento. Geralmente o B.boy segue esta seqüência misturando outros movimentos como os saltos acrobáticos durante sua performance, na tentativa de deixá-la mais interessante, atraente e diferente dos seus adversários. Diante disso,

o B.Boying é um estilo de vida, mais do que apenas um passatempo. A historia original do B.Boying tornou-se conhecida em torno do mundo, seus dois aspectos opostos e sua maneira nova de fazer a dança fizeram um estilo especial de dançar. Com pouco mais de trinta anos de existência, foi crescendo de tal forma que está transformando-se um estilo reconhecido da dança contemporânea (SANTOS 2006, p. 45).

A partir da popularização do Hip Hop e conseqüentemente a ascensão do Break, ele passou dos guetos norte-americanos para novos territórios, atravessou as barreiras nacionais, e conquistou os jovens de outros países, outras classes

econômicas e sociais, ensinando assim outros jovens a produzirem novas formas de existência na vida e na dança (Alves 2004). O Break começou a sofrer muita influência da mídia, que começou a chamá-lo de Breakdance, por não saber distinguir todos os estilos de dança que apareciam junto do Break e pareciam fazer parte do mesmo contexto do Hip Hop. A partir de então a “dança do Hip Hop” virou moda e invadiu o mundo com seu jeito irreverente, alegre e descontraído. Desta forma, o Break, e conseqüentemente a cultura Hip Hop, chegou a outros países por meio da dança através da mídia, que com certeza influenciou muito a prática da dança Break no mundo inteiro, sendo esta situação o lado positivo da participação da mídia, em seu processo de evolução. Para Oliveira (2006) não demorou muito para o Break tornar-se motivo para exposições e competições comerciais e nessas exposições o que contavam eram o número de saltos e acrobacias e não a dança em si. A partir daí, inicia-se um processo de distorção da dança Break e do movimento cultural Hip Hop. A participação da mídia na divulgação do Hip Hop, desta forma, teria um lado negativo que seria a distorção e má utilização da imagem da dança Break. No entanto, independentemente da forma de influência da mídia no Hip Hop, não podemos deixar de falar o quanto ela foi importante para a divulgação e evolução do Hip Hop, principalmente de sua dança, aumentando o número de adeptos ao movimento pelo mundo inteiro.

3.3. O Hip Hop e o Break No Brasil

No Brasil não foi diferente, o Hip Hop chegou aproximadamente na década de 80 através da mídia. Por meio da dança, através dos clipes e filmes, o Brasil especialmente São Paulo, teve seu primeiro contato com a dança e cultura Hip Hop. Para nós o Hip Hop chegou por meio da dança Break inicialmente conhecida como “Breakdance” (nome dado à dança do Hip Hop pela mídia). Nesta época, segundo Costa (2005), os jovens da periferia começaram a dançar o Break e escutar Rap, mesmo sem ter muita informação sobre o potencial social que tinham os elementos da cultura Hip Hop. O Breakdance virou moda pelas ruas de todo o país, difundido

principalmente pelo B. Boy Nelson Triunfo em São Paulo que levou o Break para as ruas onde os jovens dançavam e se divertiam (Toneto, 2008).

O Break explodiu em 84 e se transformou na dança do momento, nunca deixando de ser um elemento importantíssimo e imprescindível para o crescimento do movimento Hip Hop no Brasil (Santos, 2006). A partir deste momento o número de adeptos ao Break aumentou formando-se os grupos de “*Breakers*” que disputavam entre si por meio da dança. Esses grupos foram perseguidos pela polícia, em decorrência da falta de conhecimento sobre a dança e pelo favorecimento do Break aos assaltos, já que aglomeravam muitas pessoas para assistir as performances dos dançarinos. Semelhantemente ao Estados Unidos, no Brasil, o Hip Hop por meio do Break foi adotado como estilo de vida e expressão contra os problemas sociais que atingiam milhares de jovens da periferia, já que no Brasil surgiam cada vez mais problemas de violência, preconceito racial e social, discriminação, entre outros. Isso fez com que o Hip Hop e o Break se tornassem um meio de reivindicar melhores condições de vida, de luta para combater a exclusão social, e um meio de consolidação da cidadania, fazendo com que a população das classes menos favorecida pudesse ser ouvida pela sociedade na tentativa de divulgar as desigualdades sociais e raciais, e conseqüentemente, diminuir os conflitos sociais, políticos e econômicos da época. A partir de então, os jovens brasileiros começaram a conhecer e a entender que a prática da dança Break estava relacionada a um movimento cultural e social; o que era somente dança passou a ser entendido como algo muito além do que uma moda e uma dança, e o Hip Hop, então, passou a ser visto em sua verdadeira essência estabelecendo um grande compromisso com a sociedade na tentativa de transformação social.

No contexto nacional o Break foi marcado pelo grupo Funk Cia (grupo criado por Nelson Triunfo) responsável pela formação das primeiras gangues e difusão do movimento Hip Hop no Brasil. Depois da explosão do Break no Brasil em 1984, em 1985, a moda do “Breakdance” passou um pouco, e só permaneceram no movimento os interessados em manter vivo o Hip Hop; desta forma muitas equipes se formaram dando início às disputas de Break no Brasil, denominadas inicialmente de “rachas”. Com o tempo os outros elementos do Hip Hop se juntaram ao movimento surgindo

nesse momento o MH2O-SP (Movimento Hip Hop São Paulo) criado por Miltom Sales para organizar os grupos de Rap. Destes surgiam as equipes de Break, que após o lançamento da MH2O-SP, breakers, rappers, grafiteiros e militantes do movimento Hip Hop começaram a promover vários eventos e criaram “posses” para reorganizar o Hip Hop no Brasil (Toneto 2008). As posses na periferia eram vistas como um modo pelo qual os adeptos da cultura dialogavam com as transformações urbanas, como, por exemplo, a separação social e espacial, demarcando fronteiras sociais com muros. As posses tornaram-se uma forma de unir as experiências entre os jovens da periferia, possibilitando o enfrentamento com seus problemas e conflitos (Adão, 2006). Com os “conflitos” gerados nas ruas pela presença do Break, a Estação São Bento do Metrô de São Paulo, foi inicialmente invadida pelos adeptos do movimento, e depois negociada com o poder público como espaço de atuação para os grupos de Break. Mesmo com esse espaço livre para o desenvolvimento dos elementos da cultura Hip Hop, algumas performances de Break ainda eram desenvolvidas nas praças e centros urbanos da cidade, o que evidenciava cada vez mais sua presença no país.

A conquista de um espaço trouxe vantagens para os B.boys que queriam aprimorar a dança, podendo encontrar-se distanciados do controle policial e dos conflitos urbanos (Silva, 1998). A partir daí podemos observar a presença de incentivos governamentais que contribuíram para o desenvolvimento do Hip Hop no Brasil como forma de socialização das classes menos favorecidas. O movimento Hip Hop e principalmente a “dança do Hip Hop” no Brasil se desenvolveu em grades proporcionais se espalhando pelo país todo. Porém, foi em São Paulo onde se estabeleceram as maiores concentrações de adeptos. O maior número de dançarinos de Break, o que fez de São Paulo, também, o palco de grandes conquistas e avanços do Break e da cultura Hip Hop no Brasil. Santos (2006) diante disso, fala que em 1993 aconteceu a 1ª mostra nacional de Hip Hop, no espaço cultural metrô São Bento considerado o templo do Hip Hop no Brasil, trazendo B. Boys, Poppers e Lockers do Brasil inteiro. O movimento Hip Hop no Brasil foi crescendo cada vez mais, e em 1999 foi realizado o 1º campeonato Nacional de Breakdance, proporcionando a todos os presentes a arte e a responsabilidade social

do Hip Hop. Nesta época havia poucas mulheres, principalmente por ser uma cultura de rua, onde historicamente as mulheres não costumavam estar presentes. Mas no decorrer de sua evolução histórica no Hip Hop e principalmente no Break foi sendo cada vez mais freqüente a presença feminina, contando com muitas mulheres que são adeptas da cultura Hip Hop.

No auge do Break no Brasil, a prática do “Breakdance” virou moda e ganhou lugar na sociedade. Através de filmes como Flash Dance e videoclipes, principalmente os de Michael Jackson a dança do Hip Hop no Brasil ganhou um público maior, invadindo as academias de dança da classe média, o mercado fonográfico, a radio e os programas de televisão atingindo a todas as camadas sociais da população (Silva, 1998). Neste sentido e com a influência positiva da mídia na dança do Hip Hop, segundo Reckziegel e Stigger (2005), atualmente a cultura Hip Hop ocupa um espaço significativo no Brasil, presente nas mais diversas camadas sociais. Com a influência da mídia sobre o movimento Hip Hop nasce outra vertente dentro movimento, esta vertente seria criada pelos dançarinos das academias, que não tinham interesse pelos fatos históricos do Hip Hop nem pelos aspectos sociais da cultura, fruto do que a indústria cultural impõe como padrão, na forma de vestir, agir e pensar (Costa 2005). Por esse motivo é que observamos que além de comercializar o Hip Hop, muitas vezes a mídia passa informações erradas sobre esta cultura, fazendo com que muitas pessoas no Brasil que se intitulam “dançarinas de Hip Hop”, não saibam nem ao menos o que estão fazendo, praticam a dança somente pela moda e não conhecem a amplitude dos elementos do movimento Hip Hop.

Com a evolução do Hip Hop e sua circulação na mídia (que dita modismos), Oliveira (2006), ressalta que o Hip Hop passa a ser visto como material de consumo entre os jovens, onde as roupas, os sapatos, cds, o estilo “hiphoppers” ganham vida própria tornando-se um fetiche de mercadoria, típico do capitalismo. Toda esta inversão de valores transforma profundamente as relações sociais no capitalismo, afetando diretamente as relações do Hip Hop, podendo apoderar-se de seus elementos e manifestações como forma de mercadorizá-los como bens de consumo, invertendo o valor cultural do movimento Hip Hop. Segundo Costa, (2005), esta

distorção da cultura Hip Hop em uma cultura de consumo de massa elitizada, é fruto da indústria cultural, da sociedade e do mercado em que vivemos, onde tudo pode ser transformado em produto para vender mais, visando sempre mais lucros. Esta situação gera muitas desigualdades sociais justamente por ser uma forma de a sociedade impor modelos e padrões sociais às pessoas.

Desta forma, ao Break foram incorporados outros estilos de dança, formando-se um Break adaptado para fins comerciais, se distanciando cada vez mais da dança original e da própria cultura Hip Hop. As técnicas de dança foram deixadas de lado pra tornar uma dança mais atraente para as massas, e a cultura foi esquecida, formou-se o “street dance” que não se preocupa com as raízes da dança original. Os passos de dança são inventados pelo coreógrafo, transmitidos por um processo de repetição e então reproduzidos pelos dançarinos, perdendo desta forma o lado criativo da dança. Por esse motivo, na maioria das vezes a dança do Hip Hop no Brasil vem sendo praticada sem fundamentos, as pessoas “dançam” o Hip Hop, baseadas no modismo e nem sabem da história e do verdadeiro sentido desta prática, perdendo assim, sua verdadeira essência.

Mesmo com a elitização do Hip Hop, no Brasil a dança do Hip Hop ainda é marginalizada em virtude da opinião pública relacionar os jovens das camadas mais populares da sociedade à violência, transformando-os em delinqüentes criando assim, um processo de estigmatização da dança e dos dançarinos no Hip Hop (Reckziegel e Stigger, 2005). Para combater essa estigmatização do Hip Hop, cada vez mais surgem estudiosos que buscam esclarecer o verdadeiro sentido do movimento e da cultura, na tentativa de conscientizar de forma coletiva a sociedade mostrando o que é essa cultura. Nesta busca, alguns progressos já podem ser observados como a inserção do movimento Hip Hop nas políticas públicas, nas questões e discussões da juventude brasileira e em iniciativas publicas educacionais com a implementação de programas e projetos ligados ao movimento e a cultura Hip Hop principalmente nas comunidades mais carentes do país. Atualmente a cultura Hip Hop está presente em vários lugares do Brasil nas mais variadas camadas da população. Sobre a dança do Hip Hop podemos observar que apesar de haverem muitos dançarinos de Break no Brasil, ele não é tão visto nos eventos de dança e

escolas de dança e escolas regulares, havendo assim a necessidade de repensar a prática da dança ligada ao movimento Hip Hop, refletindo sobre o resgate da dança Break, uma vez que é a dança original do Hip Hop.

A dança Break além de Breakdance (criada pela mídia) também é conhecida aqui no Brasil por Breaking, pois muitos estudiosos da cultura Hip Hop acreditam que o Break é a batida da música enquanto o Breaking é a dança feita nesta batida. Porém as duas denominações (Break e Breaking) podem ser consideradas corretas, pois uma seria o que originou o nome, e a outra seria a consequência da prática de dança em relação ao nome. Nem uma nem outra anulam o sentido da dança e da cultura, tanto que as duas denominações são encontradas na literatura e entre os populares.

4. MOMENTOS SIGNIFICATIVOS DA PESQUISA

Refletindo sobre a dança no movimento cultural e social Hip Hop a partir das observações feitas na oficina Breakers-Cultura Hip Hop e das entrevistas realizadas com seus participantes, professores e coordenadora destacou-se cinco momentos significativos que fazem da dança ligada ao Hip Hop um importante meio de transformação social e cultural. São eles:

- A importância do conhecimento das origens do movimento e da cultura Hip Hop para a prática consciente da dança Break
- O resgate da dança original: o Break
- Expectativas dos participantes, professores e coordenador do projeto em relação à oficina de Hip Hop.
- O ensino e o aprendizado da dança por meio da troca solidária
- A dança ligada ao Hip Hop sendo praticada em sua totalidade.

4.1. A importância do conhecimento das origens do Movimento e da Cultura Hip Hop para a Prática da dança Break de forma consciente

Na Oficina Breakers –Cultura Hip Hop, os jovens adquirirão informações sobre a cultura por meio da dança, este conhecimento tem como consequência à consciência dos participantes de que não basta só dançar, tem que conhecer o que está dançando e assumir o papel social que ela propõe. É a partir daí que o jovem começa a relacionar a prática da dança com a cultura Hip Hop, tomando

conhecimento da cultura “quando os princípios ideológicos transmitidos por ela são incorporados pelos praticantes e passam a reger comportamentos dentro e fora do grupo” Reckziegel e Stigger (2005, p.67).

Pode se dizer que a transformação social acontece neste momento em que os jovens passam a ser agentes sociais e autores de sua própria cultura, mantendo um compromisso com os ideais a que fazem parte. Segundo Toneto (2008), a prática da dança ligada ao Hip Hop auxilia na identificação e formação de conceitos e valores, importantes para a participação do ser na sociedade, onde os praticantes podem exercer sua cidadania com liberdade, conscientes de seus direitos e deveres, promovendo mudanças em sua realidade de vida, conforme seu desenvolvimento como um ser criador de seus próprios ideais, a partir do se conhecer e do conhecer o outro. O conhecimento das origens do movimento e da cultura Hip Hop, pelos participantes da oficina, passa a ser fundamental para a prática consciente da dança ligada ao Hip Hop, neste caso o Break, diferenciado da outra vertente da dança ligada ao Hip Hop voltada para a competição em que não há preocupação com a cultura, e que inverte o verdadeiro sentido da dança ligada ao Hip Hop.

A importância do conhecimento das origens do movimento e da cultura Hip Hop para a prática da dança Break de forma consciente, está relacionada com a aproximação da cultura que promove o desenvolvimento das dimensões educativas da dança e do Hip Hop. Estas dimensões educativas não se referem ao caráter formal das aulas com conteúdos sistematizados na escola, e sim ao caráter informal do conhecimento obtido por meio de ações realizadas pelas pessoas coletivamente, tornando-se um aprendizado interativo (Oliveira, 2006). Este sentido educativo do Hip Hop, percebido por meio do Break, é voltado para a formação do ser crítico consciente de seu compromisso na sociedade. Segundo Reckziegel e Stigger (2005), os jovens participantes de aulas de dança ligada ao Hip Hop, a partir da consciência adquirida por meio do conhecimento da cultura convidam outros jovens para as aulas. Há também uma preocupação com o conhecer para ensinar aos outros, ter conhecimento sobre sua dança passa ser importantíssimo dentro dos grupos que dançam Break, uma vez que é a carga em sua essência o conteúdo crítico e

transformador do movimento social e cultural Hip Hop. Como podemos perceber na fala a seguir.

“... agora... além de eu dar aula, já posso passar para eles o nome dos movimentos que eu estou fazendo e a origem de tudo, porque aqui ele explica passo a passo, a cultura hip hop, da onde vem, é como surgiu,... eu já tenho como ir passando para eles. Não chegar ali, passar uma coreografia e eles irem treinar, eles também já vão aprender...até porque, depois quando alguém chegar e perguntar para eles, eles já vão saber passar para outra pessoa (...) a gente aprende em primeiro lugar a respeitar um ao outro,(...),ele antes...começa a ensinar, ele passa o que significa... já dá uma visão todinha do que significa, da onde vem... a origem, tudo. E isso é importante” (Suelem).

Desta forma, o Hip Hop e a dança passam a preencher a vida destes jovens, rompendo com um contexto socioeconômico desfavorável abrindo novos caminhos e possibilidades de vida. Para estes jovens a dança se transforma em um novo projeto de vida, ao dar continuidade à sua dança vêm a possibilidade de mudar seu meio, auxiliando na construção da cidadania e de uma vida mais digna.

Toda a transformação da realidade social destes jovens, por meio da prática do Break e do conhecimento das origens e da cultura Hip Hop, foi observado na maioria das respostas dos participantes da oficina, na pergunta relacionada a mudanças na vida. Nestas respostas foi percebida a consciência dos próprios jovens em relação à importância que tem o conhecimento das origens e da cultura Hip Hop, não para aprimorar sua técnica de dança, mas para transformar sua forma de ver a vida, sendo coerentes com a cultura Hip Hop e respeitando as origens da dança Break. A fala a seguir demonstra isso.

“Há na técnica, muita coisa a gente aprende,(...), o Vanderlei ensina muito sobre a cultura, sobre quem trouxe... há coisas que eu não conhecia, tipo a própria cultura, assim, o que eu achava que era o hip hop e o que eu acho hoje... mudou completamente, assim, todos os dias...no que tu acorda, no que tu vê, propagandas, ou qualquer coisa que tu vê assim... tu já consegue ver...o que é isso, isso é certo, isso é errado, no que tu fazes como tu ages, como tu falas com os outros, como tu vai explicar, o que é a cultura pros outros, o que a gente não

*sabia e hoje a gente pode dizer que sabe, pra mim mudou muita coisa”
(Vanessa).*

O professor Vanderlei em suas falas ressalta a importância de conhecer as origens da cultura Hip Hop, também pelo fato de que muitas pessoas aqui no Brasil dançam o Break sem saber o que estão fazendo, dançam só por dançar, porque é moda. Esta situação, segundo ele, é devido ao fato de que no Brasil a mídia influenciou muita a prática desta dança, passando somente imagem da dança como produto, sem se preocupar com sua origem e sua cultura tornando-se apenas uma prática corporal que atrai muitos consumidores ditando moda. Esta imagem passaria uma idéia errada do que seria a dança Break, deixando pra trás todos os valores sociais do Hip Hop. O professor ainda ressalta que muitas pessoas chegam na oficina sem saber o que é a dança no Hip Hop, chegam na oficina somente pela dança mostrada pela mídia, como revela em sua fala:

“...pelos clips na tv ou pela moda que tem na tv, tipo outros artista que elas vêem...a dança na tv ou tipo outras músicas que talvez exerçam influencias pelo lado negativo(...) elas talvez venham procurar esse lado assim... ha, eu vou lá vou escutar certo tipo de som e vou dançar certo tipo de dança, mas chegam aqui...vêm que é totalmente diferente, talvez elas possam até tomar um choque e pensar ‘eu pensava que era isso’ e não é bem assim, por isso que a gente orienta...é assim, assado , é isso, isso...”

Isto só nos mostra o quanto é importante que o os alunos de danças ligadas a movimentos sociais como o Hip Hop conheçam a origem e a cultura para que realizem uma prática consciente de acordo com os ideais do movimento. A orientação dos professores também é fundamental para que os praticantes se distanciem dos modelos impostos pela mídia, resgatando o a dança original do Hip Hop.

4.2. Resgate da dança original do Hip Hop: o Break

Por meio das observações notou-se uma preocupação na oficina em resgatar a dança original do Hip Hop, o Break, na tentativa de reaver os valores sociais, culturais e educativos da dança, reafirmando o valor da dança Break como dança original do Hip Hop focando sua prática no desenvolvimento de todas estas dimensões para que seja realizada em sua totalidade. Segundo o professor da oficina, “... *breaking é a verdadeira dança da cultura hip hop...se hoje tu vai ver em eventos de hip hop todo mundo dança de tudo, então, pode-se dizer que, originalmente é o breaking, certo?*” Esta preocupação em resgatar o Break parte da confusão que se faz atualmente em definir o que é ou não é Dança do Hip Hop e de uma certa forma de exclusão do Break no ensino de dança ligada ao Hip Hop. Mesmo que o Break ainda atraia vários praticantes, podemos dizer que sua prática e até mesmo a cultura Hip Hop ficou um pouco esquecida do ensino de dança no país. Esta possível “exclusão” do Break nas aulas de dança até mesmo nos eventos de Hip Hop, deve-se ao fato da mídia ter transformado o Hip como um produto de consumo da indústria cultural que dita modismos com o objetivo de obter cada vez mais lucros. Na confusão feita pela mídia em relação ao que era a dança do Hip Hop, vários equívocos foram estabelecidos em relação ao Break ou Breaking (como também é chamado o Break) fazendo com que outras vertentes da dança ligada ao Hip Hop se apropriassem do Break como um “enfeite” em suas coreografias e demonstrações. A partir desta confusão o que era Break também ficou sendo questionado, pois toda dança ligada ao Hip Hop que passava na tv era chamando de Break, perdendo, assim, tanto a sua essência como sua movimentação original, passando para uma forma mais performática e acrobática.

Desta maneira, as danças que surgiram no decorrer dos anos se incorporaram ao Hip Hop, foram se misturando ao Break, e sendo consideradas Break. Como podemos observar em uma das falas das entrevistas:

“... são diferentes, é que é assim (...) quando surgiu lá nos Estados Unidos... tinha tudo separadinho, break, loking, popping, hip hop free style,...só que chegou aqui em forma de vídeos, filmes, break dance, daí os caras botavam o nome do filme de break dance e misturavam tudo...botavam todo tipo de dança, ai, o restante do mundo via aquilo começou a botar tudo como break. Englobou tudo como break” (Sérgio professor da oficina).

Na tentativa de resgatar o real valor do Break e de sua origem, a oficina Breakres-cultura Hip Hop assumiu o compromisso de resgatá-la de forma consciente, oportunizando a seus praticantes além de uma viagem histórica à sua origem, o conhecimento da cultura e o desenvolvimento desta técnica de dança surpreendente. A preocupação deste resgate firma um compromisso com a própria cultura Hip Hop, é como se, em gratidão a tudo que ela proporciona às pessoas, a oficina devolvesse à ela seu respeito e seu brilho, reafirmando a importância do Break como dança original do Hip Hop. Mantendo a idéia de que antes de dançar o Break é preciso saber de sua origem e de seus princípios, precisa saber realmente o que está dançando como podemos observar na fala seguir.

“... a importância de resgatar é o seguinte, a pessoa que chegou aqui, eu vou fazer uma analogia, a pessoa ela quer começar pelo telhado em vez de começar pela casa, então assim ó, a importância disso, é você ensinar as bases certa,...pra que ela tenha a certeza do que ta fazendo entende? Pra que ela não seja pega de surpresa entende, se alguém vier e perguntar pra ela mas o que é isso que tu faz? ‘A não sei, eu só faço’, entende?...Então por isso...a importância da pessoa saber a semente, a raiz, pra depois criar os galhos e folhas enfim”(Vanderlei professor da oficina).

Para que seja feito o resgate do ensino do Break nas aulas de dança principalmente nas escolas, a dança ligada a um movimento social e cultural que atenda a todas as possibilidades da dança como processo educacional consciente oferece, precisa ser coerente com suas origens e com os propósitos de vida que propõe aos jovens que praticam, e isto só é possível quando há uma preocupação por parte de quem orienta esta prática em passar informações corretas sobre o movimento Hip Hop valorizando seus ideais. Desta forma o ensino do Break que parece ser uma boa opção para a prática e dança na escola. O movimento Hip Hop

por possuir um significativo conteúdo transformador e crítico, promovendo valores importantíssimos para a formação do ser social, por meio de sua prática corporal, parece preencher requisitos importantes que a dança na escola pode oferecer aos seus alunos. Uma vez que a escola se torna um ambiente propício para o desenvolvimento e transformação do ser na sociedade.

4.3. Expectativas dos participantes, professores e coordenadora do projeto, em relação à oficina de Hip Hop

As expectativas são muitas, tanto dos professores e da coordenadora, como dos participantes. Entre elas as mais destacadas nas entrevistas foram: a expectativa em relação à expansão da cultura Hip Hop e o preenchimento do tempo livre dos participantes, buscando romper com as expectativas negativas do futuro destes jovens em função de um contexto socioeconômico desfavorável. Desta maneira, fazendo um link com um dos objetivos da oficina, que é fazer com que os participantes levem para sua vida os princípios aprendidos por meio da dança e do conhecimento do movimento Hip Hop, reforçando cada vez mais seu compromisso com a sociedade. Esta preocupação, como já foi comentada anteriormente, parte do conhecimento da cultura, fazendo com que os próprios participantes tenham a consciência e a preocupação em levar os ensinamentos para a sociedade por meio de suas atitudes, comportamentos e de sua relação com o mundo, dando assim um sentido a sua prática de dança e ao seu dia-a-dia. Como podemos perceber na fala a seguir.

“...a principal expectativa é que eles (...) levem isso, tudo o que aprendem aqui como algo positivo pra vida deles, entende? Não que todos vão dançar a vida toda, ou vão fazer grafite a vida toda, mas que levem este principal fator que a gente falou desde o começo que é tipo, esse lance de social, assim de ajudar o próximo, de ter uma melhor postura perante a sociedade, de ter esses princípios de dizer bom dia, boa tarde que isso vai ajudar eles a abrir os caminhos deles pra tudo na vida, entende” (Vanderlei professor da oficina).

Outra expectativa é de que os jovens participantes da oficina ocupem seu tempo livre de forma positiva, e esta é também uma expectativa do projeto que abre a escola nos finais de semana, justamente para que os jovens pertencentes a camadas desfavorecidas da sociedade ocupem seu tempo com esporte, lazer, e cultura, ao invés de se envolver com drogas, violência ou qualquer outro tipo de conflito. No caso da oficina, a maioria dos seus participantes pertence a uma camada da população que é economicamente desfavorecida ou são moradores de locais considerados de risco, o que favorece a ocupação do tempo livre destes jovens de forma negativa. Por meio da oficina de Hip Hop, os participantes assumem uma nova perspectiva de vida rompendo com o estigma da sociedade que rotula os jovens moradores das camadas mais baixas da sociedade como delinquentes, ladrões, desocupados, baderneiros e etc. Por meio da oficina eles mostram a sociedade que podem ser muito mais do que isso, assumindo uma postura coerente com a cultura do movimento Hip Hop (que surge na tentativa de acabar com a violência urbana), como uma tentativa de fazer a diferença na sociedade, adquirindo desta forma mais dignidade. De encontro com esta perspectiva, a coordenadora do projeto acredita que a oficina Hip Hop permite afastar e resgatar as crianças e adolescentes das situações de risco em que vive a maioria dos participantes da oficina. Segundo Reckiezel e Stigger (2005, p.68), “o resgate, então, é ocupar o tempo livre, o tempo perigoso, que não é preenchido pela escola, e nem pelo trabalho, mas que o Hip Hop, com as inúmeras qualidades percebidas pelos jovens, é capaz de preencher”. Como aparece na fala a seguir.

“... mas eu, assim eu dou aula conforme eu sei e tem bastante gente assim que se interessa e porque eu estou ocupando a minha mente também (...) eu já participo de projetos, voluntária, onde o pessoal vai dançar e não ficar na rua, daí eles já ocupam também o tempo deles” (Suelem).

Com a dança e a cultura Hip Hop, através da oficina Breakers- Cultura Hip Hop, os participantes atribuem sentidos à sua presença na sociedade, rompendo com o determinismo de um contexto socioeconômico desfavorável apontando novos caminhos para sua vida. A partir da continuidade da prática de dança, o que antes

era apenas uma prática de lazer e diversão transforma-se em um novo projeto de vida (Reckiezel e Stigger, 2005). Essa possibilidade de mudança de atitude na vida cotidiana dos jovens pode ser identificada na fala da coordenadora do projeto.

"...os gêmeos viviam na rua, vamos dizer assim, viviam sendo colocados pra rua, e eu percebo que, porque eles eram muito ativos, não tinham onde gastar a energia deles, depois que descobriram o hip hop, isso diminuiu bastante, a saída deles, de os professores botarem eles pra rua por indisciplina, diminuiu bastante... porque aumentou a concentração deles e eles começaram a gastar positivamente a energia..." (coordenadora do projeto).

Esta situação certamente reforça também a importância da presença do ensino do Break nas escolas. De acordo com Saraiva (2005), quando atribuímos sentidos na vivência da dança estamos reafirmando sua importância em seu processo formativo e educativo, reforçando assim sua presença na escola. Por meio da dança as pessoas refletem sobre o mundo e suas experiências de vida, desta forma a dança torna-se um meio de transformação das pessoas na sociedade. Então,

devemos pensar a dança na escola como agente transformador, pois ela possibilita, quando entendida como linguagem artística, uma reflexão da sociedade e da realidade em que vivemos; ela permite as mais diferenciadas experimentações de movimentos, criação, expressão e sensibilização em busca da exploração das potencialidades humanas (Lima e Fiamomcini, 2004, p. 36)

Todo este processo, só reafirma o valor educativo da dança, principalmente da dança ligada a um movimento cultural e social que neste caso é o Break onde a educação é voltada para transformação social. Desta forma a contribuição do Hip Hop na educação dos participantes da oficina pode ser, mais uma vez, observada de forma significativa a partir do desenvolvimento de todas estas dimensões da dança Break. Pode-se dizer que o Break pode possibilitar o desenvolvimento integral do ser humano, por meio de seus movimentos, expõdo as pessoas diante delas mesmas e para os outros promovendo o contato com suas diferenças em relação as diferenças dos outros. Desta forma, ela atua sobre as relações sociais de forma significativa

aproximando as pessoas, auxiliando na reflexão da auto-realização, valorização pessoal e na forma de lidar com os próprios sentimentos, possibilitando uma vivência artística que contribui de forma positiva para sua vida.

4.4. O ensino e o aprendizado da dança por meio da troca solidária

Muitas vezes quando falamos em “aula” pensamos na forma tradicional de aulas escolares onde o conhecimento é centralizado apenas no professor. Quando falamos em aula de dança não é diferente, imaginamos um professor à frente dos alunos em uma sala, onde os alunos copiam e reproduzem os movimentos. Na busca de superar a organização tradicional destas aulas, atualmente se vê uma necessidade de re-significar as aulas de dança, principalmente nas escolas, onde como já foi abordado anteriormente o ensino não deveria ser apenas por meio da reprodução, e sim deveria dar espaço para a criação e autonomia dos alunos.

Neste contexto destacou-se nas entrevistas e nas observações a descentralização do conhecimento somente na figura do professor. Na oficina, os participantes também assumem o papel dos professores e os professores assumem o papel dos alunos, por meio da troca de conhecimento e experiências, tanto de vida como de dança, sempre na intenção de um ajudar o outro. Esta idéia da oficina, de fazer com que os alunos também sejam professores, participando do processo ensino-aprendizagem deixam as aulas mais interessantes e significativas, pois “supera a organização tradicional das aulas de dança que tem o professor como o detentor de todo conhecimento” (Saraiva, et. al, 2005). Esta situação não ocorre ingenuamente, pois se nota uma preocupação dos professores para que isto ocorra, tornando-se esta uma das propostas de ensino de dança na oficina, levando em consideração a coerência com a cultura Hip Hop onde originalmente todos são criadores de sua própria expressão. O aluno no papel do professor e o professor no papel do aluno, fica claro na fala de Lucas participante da oficina: “... *todo mundo interage brincando, não tem essa de eu sou professor eu que mando aqui, é todo mundo(...) todo mundo é aluno e professor aqui, então.. é assim que funciona*”. Desta

forma os próprios participantes têm a consciência de que podem ensinar algo e assumem o papel de professor na tentativa de ajudar o próximo.

Os professores da oficina se preocupam em orientar os participantes a serem criativos usando a autonomia que lhes é permitida a partir da orientação que recebem. Os participantes falam que ao ensinarem os outros sempre aprendem alguma coisa, existindo desta forma uma relação de troca entre os participantes. Um dos fatores que auxiliam os participantes a terem confiança para ensinar é a participação ativa dos professores junto aos participantes nas aulas da oficina, os professores participam das rodas de Break junto dos alunos que desta forma são motivados a ensinar os outros participantes. Neste sentido Saraiva et. al (2005), ressaltam que isto ocorre por meio dos vínculos de afeição, confiança e estímulos que são criados quando o professor participa junto com o aluno. Os participantes da oficina assumem a consciência de trazer o que sabem para ajudar os outros, esta troca solidária entre eles só enriquece a vivência de dança na oficina, o que se observa é que todos se interessam em aprender uns com os outros conscientes de que cada um tem algo diferente para ensinar respeitando as diferenças de experiências entre eles. Desta forma, acredita-se que as experiências corporais anteriores dos alunos, podem ser direcionadas para o ensino da dança na tentativa de facilitar a autonomia e a criatividade, enriquecendo o ensino da dança a partir do respeito com as relações com a experiência corporal de cada pessoa (Saraiva, et. al 2005). Assim os professores da oficina, como eles mesmos se denominam, tornam-se orientadores da prática de dança; a partir da orientação deles os alunos seguem seus próprios passos rumo à criação autônoma de sua própria dança partindo do princípio de que todos podem ensinar alguma coisa, pois as pessoas têm experiências diferentes. Desta forma a troca acontece e será rica e válida para o ensino da dança independente da experiência de vida ou corporal que a pessoa tem. O papel de professor na oficina ocorre da seguinte forma:

“... a abordagem do aluno e as aulas são esquematizadas assim, como sendo não é só um ou dois professores, a gente costuma dizer não professor, sim orientador (...) a gente dá orientação pras pessoas que chegam, então, vou explicar tudo certinho como acontece. As pessoas chegam então eu e o Sérgio recebemos, aí falo o que acontece

instrui pergunta o que...que a pessoa já tem de experiência. O que... que a pessoa é influenciada ou se a pessoa dança alguma coisa, daí a gente sempre pergunta isso e pede pra pessoa se quiser demonstrar um passo (...) daí a gente começa a instruir, tem essa dança loking, tem esta dança popping, tem essa dança breaking, tem esta dança rocking a gente explica um pouco de cada uma pra essa pessoa, dá essa abordagem, explica a história e os diferentes estilos musicais que tem e ou as músicas originais, as músicas certas pra cada estilo, pra dançar. Depois disso a gente(...)começa a orientar, da este start pra pessoa, ensina os básicos e depois disso vem o atendimento individual. Por exemplo, assim, se a pessoa tem mais facilidade de aprender a gente já passa mais passos e uma certa dificuldade em...cada passo entende? se as pessoas tem...mais dificuldade de aprender a gente já vai mais devagar, ou seja, a gente vai com o ritmo da pessoa...depois ela começa a criar sozinha... aprender com outros e até ensina (Vanderlei professor da oficina).

Nesta fala podemos observar a forma como acontecem as aulas da oficina, e como os alunos são orientados a serem também professores, e isto foi freqüente também durante as observações, nas quais vimos que o professor também procura aprender com os alunos, não só na dança, mas na intervenção com a própria vida fora da oficina. Assim, podemos ver que a solidariedade está muito presente nas aulas da oficina e é uma preocupação dos professores, pois procuram passar isto constantemente a seus alunos, como nos mostram as falas a seguir:

“... o Vanderlei (...) chegou alguém novo ele vai lá ensinar, qualquer coisa assim, ‘o Douglas vai lá da uma ajuda’...é como se fosse uma corrente, um ajuda o outro” (Douglas).

“... tipo assim, eu vim era o Vanderlei o meu professor, aí eu aprendi até um ponto, daí ele falo assim ‘ó, daqui pra frente você escolhe o que tu quer ser, se que ser um profissional, se tu que ser um cara pra me ajudar, se quer ser um cara pra ta somando aí com a gente. Aí na minha opinião eu acho assim, os mais velhos vem aprendem o básico e vem pra ajudar os mais novos que vão entrar na oficina, é, assim” (Maycon)

Esta forma de trocar conhecimento mostra que na oficina há um diálogo entre todos, alunos e professores e não só diálogo pela linguagem verbal, fala, mas

também pela linguagem corporal, diminuindo assim as lacunas que existem entre professor-aluno no ensino tradicional das aulas de dança. Convém lembrarmos, o Break se faz por meio da improvisação. Segundo Saraiva et. al (2005, p. 68), a improvisação torna possível a ampliação dos limites tradicionais das relações de professor-aluno, “propiciando a participação ativa dos alunos, com suas opiniões, descobertas e invenções de movimento”.

Os praticantes de Break na oficina, a partir da orientação e estimulação de criarem seus próprios movimentos e formas de movimentações faz com que estes jovens saibam lidar melhor também com as situações de seu dia-a-dia fora da oficina. Diante disto o Break pode ser entendido como um importante meio para as pessoas lidarem com suas necessidades, desejos e expectativas, e também servir como um meio de desenvolvimento individual e social. A dança ligada a um movimento social como o Hip Hop, principalmente quando é oferecida na escola enquanto processo educacional não se resume apenas em aquisição de habilidades e reprodução de movimentos, mas sim para o desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo, por meio de um processo artístico que visa como objetivo maior à educação do ser em todos os seus aspectos. Por meio da expressão livre de acordo com a criatividade do praticante a prática da dança por meio do improviso estimula, desperta e oferece possibilidades ilimitadas para o desenvolvimento da criatividade sem deixar de considerar os aspectos culturais de cada pessoa. A criatividade por sua vez desenvolve o potencial humano de movimento, expressão, flexibilidade no agir, desinibição, trabalho em grupo entre outros. Além do desenvolvimento da criatividade, a dança por meio da improvisação possibilita ao aluno a busca do auto-conhecimento, fazendo com que ele se conheça melhor e passe a enfrentar com mais facilidade os desafios do mundo externo, reconhecendo suas qualidades e limitações.

4.5. A dança ligada ao Hip Hop sendo praticada em sua totalidade

Por meio das observações e das entrevistas realizadas neste estudo percebeu-se a presença de aspectos importantíssimos para a prática da dança ligada ao Hip Hop em sua “totalidade”. Refiro-me a totalidade no que acredito ser o desenvolvimento dos aspectos mais significantes da dança, ligada a um movimento social tão significativo como o Hip Hop, com foco na construção e transformação do ser na sociedade. Estes aspectos a que me refiro podem ser observados na interação social como resultado do relacionamento entre as pessoas por meio do contato e da comunicação, seja ela verbal ou corporal. Também no respeito às diferenças, na aproximação das pessoas por meio da dança e na aproximação da dança com a cultura Hip Hop relacionando-as de forma coerente e significava para a prática consciente da dança ligada ao Hip Hop. Neste sentido o desenvolvimento integral destes aspectos, por meio da dança Break, parece formar bases para a construção e transformação do ser social e assim, o desenvolvimento destes aspectos reforça os valores desta cultura uma vez que seus fundamentos permitem a formação de um pensamento mais crítico ocasionando uma participação significativa das pessoas na sociedade, por meio de sua inserção de forma mais consciente na dinâmica social.

Analisando a interação social acredita-se que ela seja fundamental para a participação das pessoas na sociedade. A partir da interação as pessoas se socializam estabelecendo vínculos afetivos, repartindo experiências, conhecimentos e comportamentos de sua vida comum, transformando-se em seres participantes e transformadores do meio em que vivem. As atividades em grupo, como é o caso da dança na oficina de Hip Hop, favorecem as interações, estas influenciam de forma significativa e positiva as atitudes de todo grupo. Esta situação pode ser observada durante às performances individuais dos participantes da oficina nas rodas de Break, onde a cada apresentação todos aplaudem, adotando assim uma forma de incentivar ao outro a sentir-se cada vez mais pertencentes ao grupo. Neste sentido, a interação deve ser saudável para que as atitudes sejam positivas estimulando o bem

comum. No Hip Hop, o Break passa a ser uma forma de interação entre as pessoas e com a sociedade, sendo originalmente o corpo que expressa a revolta dos jovens contra a violência, a exclusão social, a discriminação e o preconceito como uma forma de expressão e comunicação entre eles e com a sociedade em geral. Neste sentido, podemos dizer, que no Break, cada um se expressa da maneira que sente e que acha melhor, sem haver certo ou errado. O B.boy ou Breaker como são chamados os dançarinos de Break, criam seus movimentos de acordo com suas experiências e a forma como ele as enxerga, considerando todo movimento válido para expressão de sua arte e seus sentimentos, como citado no trecho da entrevista a seguir.

“... eu não sei se ocorre em todas as oficinas, mas o que mais me chama atenção no nosso grupo aqui é que não há isso,...é se errou todo mundo ri pronto, não ri, bate palma porque foi, é, acho fantástico, porque na dança , eu não sei se eu to errada, mas eu vejo muito, muita competição, bailarinos e tal, então, as pessoas querem que o outro erre e não é o caso do hip hop,..” (coordenadora do projeto).

Adão (2006, p. 63), cita “que o Break não aceita os condicionamentos sociais liberando o corpo nas rodas de improvisação, onde cada participante cria seu próprio estilo de movimentos individualmente, sendo respeitado pelo grupo”. O respeito parte de uma interação saudável entre as pessoas, sendo outra característica fundamental do Hip Hop, que foi claramente observado na fala das entrevistas e nas observações das aulas da oficina. Desta forma as relações sociais só acontecem devido à aproximação das pessoas entre elas com o mundo, e a forma como estas acontecem vão estabelecer a existência do respeito ou não. Tanto a interação quanto o respeito dependem da aproximação entre as pessoas, esta aproximação pode se dar por meio da dança ligada ao movimento Hip Hop, uma vez que no Break prega o respeito mútuo e a união entre os dançarinos.

“... a aproximação, ta,.. é... eu vejo os gêmeos, tem um amigo deles, que quando chega eles saem correndo pra abraçar (...)eram alunos que conviviam mas não tinham essa... aproximação, com o hip hop tem

essa aproximação...e essa beleza de confraternização (...) então, só isso de unir, formar grupos com uma bandeira positiva, tá entendendo, porque, se reúnem na ora do recreio para dançar hip hop, não para rir ou pra roubar, ou pra...criar violência, não, eles se reúnem pra dançar, e não é um grupo pequeno, isso é importante” (coordenadora do projeto)

A partir da aproximação, as pessoas conseguem ver o outro percebendo e respeitando as diferenças do outro e suas diferenças em relação ao outro, fazendo com que se estabeleça uma relação de troca valorizando-se a diferença e experiência de cada um. Neste contexto Strazzacappa (2003, p. 47), afirma que “pela aproximação e observação da dança e pela reflexão sobre ela, podemos pensar sobre nós mesmos”. A dança como um meio alternativo de educação, atrai os alunos que a partir de sua prática podem modificar suas atitudes e comportamentos em suas relações sociais e com o mundo. Por meio da dança Break pode-se observar que a aproximação da dança com a cultura Hip Hop, ocorre de forma mais ampla. Aproximando-se da cultura Hip Hop por meio da dança, as pessoas conseguem sentir o mundo que as cerca, se sentindo como parte integrante do mundo, como ser social que tem seus direitos e deveres, fazendo com que se transponha os limites da prática, da técnica e do espaço da oficina. Desta forma fazendo os participantes levam os ensinamentos da oficina para fora (dentro de casa, no trabalho, na escola, etc) firmando assim seu compromisso com a sociedade. Este compromisso social é estabelecido quando a relação da dança com a cultura gera a necessidade do integrante em assumir o papel proposto pela cultura Hip Hop. O fato da oficina ser realizada na escola favorece a aproximação da cultura Hip Hop com a realidade dos alunos. Segundo Toneto (2004), a dança ligada ao movimento Hip Hop, quando inserida nas escolas conecta educação e cultura, aproxima a escola da dança e do movimento social para a promoção humana, aumenta a auto-estima das pessoas transforma a atitude das pessoas em relação a sua participação na sociedade.

Esta relação se torna mais clara quando os jovens passam a identificarem-se como agentes da própria cultura. Ao praticar o Break os jovens da oficina podem se aproximar não só das pessoas e da sociedade, mas da própria cultura Hip Hop

encontrando seu lugar na sociedade ampliando sua visão de mundo. Como nos mostra a fala a seguir:

“... o hip hop pra mim é como se fosse uma religião, ta ligado, tem que sempre tentar fazer o melhor, tipo assim, é como se fosse uma vida comum de uma pessoa que tivesse indisciplina ta ligado, tem que ser um exemplo por morar num lugar mais precário, tipo assim, não tem uma boa estabilidade, mora em lugar diferenciado, onde todo mundo julga assim, há é pobre, é morro,.. tem a discriminação e a gente ta, tipo a cultura pra mim é morar naquele lugar e fazer a diferença” (Marlom).

Desta forma podemos observar que os participantes da oficina por meio da prática do Break, começam a assumir novas posturas na sociedade, a partir do desenvolvimentos destes aspectos, estes jovens começam a construir sua própria cultura em busca de um vida mais digna conscientes de seu papel na sociedade. Pode se dizer que a transformação social acontece neste momento em que os jovens passam a ser agentes sociais sendo autores de sua própria cultura, mantendo um compromisso com os ideais em que acreditam. Segundo Toneto (2008), a prática da dança ligada ao Hip Hop auxilia na identificação e formação de conceitos e valores, importantes para a participação do ser na sociedade, onde os praticantes podem exercer sua cidadania com liberdade, conscientes de seus direitos e deveres, promovendo mudanças na sociedade e em sua realidade de vida, conforme seu desenvolvimento como um ser criador de seus próprios ideais, a partir do se conhecer e do conhecer o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança enquanto elemento do movimento social e cultural Hip Hop, além de ser um importante componente de inclusão social tem o objetivo de fazer com que seus praticantes assumam um compromisso social, por meio do conhecimento da origem do movimento Hip Hop e de sua cultura. Nesta perspectiva, acreditamos que a dança ligada ao movimento social Hip Hop deve estar pautada em sua criticidade e reflexão social, fazendo com que seja realizada de forma consciente, relacionando sua prática com sua cultura e suas origens, e assim os aspectos educacionais e sociais desta dança se desenvolvam integralmente. Por meio desse estudo, pode-se perceber que o Break (dança original do Hip Hop) apesar de sofrer muita influência da mídia no Brasil, ainda pode ser realizada de forma coerente com suas origens e cultura.

A forte influência da mídia sobre a cultura de rua e, conseqüentemente, sobre o movimento Hip Hop, afetou diretamente a dança, causando uma enorme confusão sobre o verdadeiro sentido e significado da dança Break, reduzindo-a muitas vezes a uma moda como produto da indústria cultural. Com isto a dança do Hip Hop, especificamente o Break, começou a se modificar e para muitos foi perdendo seu sentido de movimento social, fazendo com que muitas pessoas dançassem somente pelo modismo, sem se preocupar com a origem do movimento e sua cultura. Esta situação atingiu negativamente o Break, que teve o ensino de sua prática distanciado da verdadeira intenção do movimento Hip Hop. Com isso surge a necessidade de resgatar o Break, dentro do movimento Hip Hop de acordo com sua origem e cultura, na tentativa de reencontrar o sentido da dança ligada a este movimento social. A

oficina de dança Breakers–Cultura Hip Hop busca aproximar-se disso fazendo com que esta dança aconteça em sua totalidade.

A oficina tenta se distanciar da mídia e se livrar dos conceitos impostos por ela. Sobre esta questão Oliveira (2006, p. 75), diz que o “objetivo daqueles que tentam se distanciar da mídia no Hip Hop, não é a acumulação de capital, e sim a transmissão de suas idéias e ideais de revolução para a sociedade”. A oficina Breakers –cultura Hip Hop possibilita aos seus participantes além da prática do Break e das danças urbanas ligadas ao movimento Hip Hop, o conhecimento da origem e da cultura, faz com que os jovens que participam da oficina vivenciem a dança adquirindo uma consciência social, mantendo um compromisso com a sociedade, por meio de uma participação mais ativa e crítica na dinâmica social.

Foi observado que os participantes da oficina por meio da dança Break, vivem a cultura Hip Hop, transformando sua participação social, criando um novo modo de vida que se opõe à violência e atribuindo sentidos a prática da dança ligada ao movimento Hip Hop. O fato de a oficina acontecer em um espaço oferecido por uma escola pública, sendo um espaço aberto para a socialização coletiva e educação, independente de classes sócias e econômicas, favorece o desenvolvimento integral dos valores do movimento social Hip Hop e aumenta acessibilidade da comunidade a essas necessidades educativas. Os jovens da comunidade passam então, a aproveitar o espaço que a escola proporciona a princípio como preenchimento do tempo livre como forma de lazer e diversão. Mas, que a partir do conhecimento da cultura que atribui sentidos a prática da dança, se transforma em algo que vai além do lazer, tornando-se um modo de vida, que tenta romper com o estigma de um contexto socioeconômico desfavorável. Segundo Reckziegel e Stigger (2005), ao atribuírem sentidos a sua prática de lazer, os jovens começam a refletir sobre sua realidade econômica abandonando sua prática anterior. Por meio da conscientização coletiva a partir do conhecimento da cultura Hip Hop e à sua adesão, criam um novo estilo de vida agindo em defesa do mesmo.

Os jovens que participam da oficina vêem no Hip Hop e em sua dança a oportunidade de abrir novos caminhos e possibilidades de vida. Desta maneira, o

Break e o Hip Hop se transformam em um novo projeto de vida. Ao vivenciar o Break, estes jovens percebem a capacidade de transformação causada pelos ideais culturais do movimento Hip Hop, auxiliando na construção de sua própria cultura em busca do reconhecimento social, da cidadania, contra a discriminação e o preconceito, fazendo a diferença na realidade que os cerca. Nesta dimensão Lima e Fiamoncini (2004), falam que a dança entendida como arte de expressar-se em movimento por meio do movimento, pode contribuir e facilitar o processo educacional para uma educação, com prioridade no desenvolvimento de todas as dimensões humanas. Desde que a mesma esteja fundamentada em uma perspectiva crítica que se comprometa com a transcendência de estigmas impostos pela ideologia dominante. Sendo assim, a transformação social pode acontecer no momento em que os participantes ao conhecerem a cultura Hip Hop, a incorporam a sua vida, sentindo a necessidade de mudar sua maneira de agir e de participar na sociedade, tendo a consciência de seus deveres e direitos em busca de mais dignidade. Toneto (2008), fala que

dentre os objetivos da cultura hip hop, estão a conscientização da população periférica para que eles saibam votar, exigir seus direitos a democracia, e quanto à questão racial, lutando pelo preconceito racial; defenderem seus ideais, combater a violência, o desemprego, as drogas e participar de ações públicas (p. 83).

Fica claro que o movimento social Hip Hop propõe transformações de vida significativas. Pois, preocupa-se com a formação do ser consciente e de seu papel na sociedade, fazendo com que estes jovens derrubem os estigmas impostos pela sociedade. Desta forma, reforça-se a idéia de uma vivência de dança na escola voltada para a educação do ser social, na tentativa de educar visando a participação na dinâmica social de forma consciente. No entanto não podemos enxergar o Hip Hop como o “salvador do mundo”. Diante disto Santos e Dangelo (2006), falam que, sobretudo o movimento Hip Hop surge como um reivindicador de melhorias e não como uma forma de salvação mundial, tendo como base a luta por mudanças sociais.

A escola também busca por mudanças sociais e nos últimos anos tem buscado alternativas diferentes para que isso aconteça. A partir disto, ela tem investido em atividades que aproximem a escola da realidade social dos alunos, e que favoreçam tais mudanças e transformações. De acordo com Lima e Fiamoncini (2004), a dança na escola deve ser pensada como agente transformador que permite uma reflexão da sociedade e da realidade vivida. A dança não irá resolver todos os problemas sociais do mundo, mas sua presença na escola pode ser importantíssima na transformação social das pessoas. A presença do ensino da dança do Hip Hop na escola, tem sua força nos conceitos e valores que constituem o movimento social e cultural Hip Hop e que também são defendidos por ela. Dentre estes valores estão: o respeito ao próximo, as diferenças, a dignidade, a solidariedade, a generosidade e a cooperação. Fazendo da dança do Hip Hop um importante meio de educação.

Diante disto, o ensino do Break principalmente quando faz parte de um projeto que visa a transformação e a participação do jovem na sociedade torna-se importantíssimo nas escolas. Sobre as aulas de dança nas escolas Strazzacapa (2003), afirma que os estudos realizados nos últimos anos apontam que elas têm sido oferecidas como parte integrante de projetos de caráter extracurricular apresentado às escolas. São projetos isolados, muitas vezes frutos de iniciativa pessoal, ou seja, de um professor da escola, um aluno que já estuda dança ou é dançarino e deseja formar um grupo de dança. A mesma autora ressalta a importância de se incentivar à realização de projetos de ensino de dança na escola, pois a escola é vista como uma instituição de valor reconhecida pela comunidade, que oferece infra-estrutura e credibilidade para a concretização destas iniciativas favorecendo a legitimação da prática da dança na escola.

Sendo assim a proposta da oficina Breakers-Cultura Hip Hop, dentro do que acreditamos ser a dança do Hip Hop praticada em sua totalidade, parece ser um exemplo a ser seguido reforçando a possibilidade de mais vivências como esta serem implantadas nas escolas. Visto que a proposta de dança da oficina oportuniza aos seus participantes a possibilidade de eles mesmos serem criadores de seus próprios movimentos e expressões, por meio da reflexão da cultura, das origens da dança Break e da aproximação com outras danças urbanas que foram incorporadas

ao Break. Também pelo contato com outras linguagens corporais, a solidariedade por meio da troca de experiências, a interação, a aproximação e o respeito as diferenças. Neste sentido Carbonera e Carbonera (2008), falam que ao possibilitar o desempenho autônomo de uma prática, que exija a reflexão do aluno diante de sua realidade, e participação no grupo que está inserido, favorece o enriquecimento das experiências corporais e sociais. Desta forma, a educação por meio da dança possibilita a formação de cidadãos com uma visão mais crítica, autônoma e participativa da sociedade.

Na perspectiva de dança realizada na Oficina Breakers-Cultura Hip Hop, o Break sendo realizado em sua totalidade parece atender as possibilidades que a dança oferece como processo educacional. Neste sentido, coloco a dança do Hip Hop como um possível meio educacional, desde que sua prática seja focada no conteúdo transformador e crítico do Hip Hop, em busca do desenvolvimento dos valores importantíssimos para a formação do ser. No entanto, mesmo diante de todas as evidências positivas dos aspectos educacionais e sociais desenvolvidos pela dança ligada ao movimento social Hip Hop, pode-se dizer que ainda são poucas as escolas que oportunizam sua prática. Neste sentido acredita-se que dentro de uma educação voltada para uma sociedade com uma enorme diversidade cultural como a do Brasil, deve-se valorizar as práticas culturais que estejam inseridas nas comunidades, e que assumam um compromisso social. De acordo com a dança na escola como um processo educacional, não basta que o Break seja praticado apenas pela prática da dança em si. Deve-se vivenciar a dança por meio de reflexão crítica buscando um maior envolvimento dos participantes na sociedade, por meio do desenvolvimento de atividades que representem algo que eles valorizem e que se aproximem de sua realidade social. Sendo assim, a prática do Break nas escolas, torna-se um meio valioso de educação e de valorização da cultura de rua, que se aproxima da realidade dos jovens que a vivenciam, uma vez que em sua maioria pertencem a camadas mais populares e menos favorecidas da sociedade. Diante disto Vargas (2003), ressalta que a dança ligada ao movimento social Hip Hop além de corresponder á realidade de escolas públicas, contribui para a formação do senso

ético, estético e crítico, construção da auto-estima e da autodisciplina de seus praticantes.

Diante de tudo isso e, principalmente, da luta do movimento Hip Hop contra a discriminação e o preconceito, seria injusto limitar a prática de dança Break somente às escolas públicas, uma vez que um dos objetivos do movimento é também o de acabar com o processo de estigmatização e preconceito. Assim a dança Break pode ser importante também nas escolas particulares, onde a grande maioria dos alunos pertence às camadas mais favorecidas da sociedade, na tentativa de livrar esta dança do preconceito e estereotipo gerado pela falta de conhecimento sobre o movimento e a cultura Hip Hop.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Flávio Soares. A DANÇA BREAK: Uma Análise dos Fatores Componentes de Esforço no Duplo Movimento de ver e sentir. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 24-32, jan/mar. 2007.

_____. A DANÇA BREAK: Corpos e Sentidos em Movimento no Hip Hop. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 1, p. 01-07, jan/abr. 2004.

ADÃO, Sandra Regina. MOVIMENTO HIP HOP: A Visibilidade do Adolescente Negro no Espaço Escolar. **Dissertação de Mestrado** - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

AVILA, Astrid Baecker; OLIVEIRA, Patrícia de Lima Daniele; PEREIRA, Lana Gomes. HIP HOP E CULTURA: revelando algumas ambiguidades. In: FALCÃO, J. C. e SARAIVA, M. C. (Orgs.). **Práticas Corporais: Experiências em Educação Física - para outra Formação Humana**. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, v. 3, p. 47-67, 2005.

CARBONERA, Daniele; CARBONERA, Sérgio Antonio. A IMPORTANCIA DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR. 2008. **Monografia** apresentada para a conclusão de curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar, Faculdade Iguazu, ESAP, Santa Catarina, Cascavel.

COSTA, Mauricio Priess. A DANÇA DO MOVIMENTO HIP HOP E O MOVIMENTO DA DANÇA HIP HOP. Curitiba: **Anais...** III Fórum de Pesquisa Científica em Arte-Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005, p. 88-95.

FIALHO, Vânia A. M. Silva. HIP HOP SUL: um Espaço Televisivo ou Formação e Atuação Musical. **Dissertação de Mestrado** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes Programa de Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, 2003.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. DANÇA ESCOLAR: uma possibilidade a Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, maio/agosto. 2007.

LIMA, Elaine Cristina Pereira; FIAMONCINI, Luciana. DANÇANDO NA ESCOLA, POLITIZANDO A DANÇA: um estudo sobre o projeto dança escolar da Prefeitura Municipal de São José. **Revista Motrivivência**, Florianópolis-UFSC, ano XVI, n. 23, p. 29-41. dezembro. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **PESQUISA SOCIAL: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA de Lima, Patrícia Daniele. HIP HOP NA PERSPECTIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS. In: FALCÃO, J. C. e SARAIVA, M. C. (Orgs.). **Práticas Corporais: Construindo outros Saberes em Educação Física**. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, v. 4, p. 63-83, 2006.

RECKZIEGEL, Cecília de Carvalho; STIGGER, Marco Paulo. DANÇA DE RUA: opção pela dignidade e compromisso social. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 59-73, maio/ago, 2005.

SANTOS, Rafael Guarato; DANGELO, Newton. O MOVIMENTO HIP HOP EM UBERLANDIA: Dança, Música e Identidades Urbanas - 1970/2000. Florianópolis: **Anais...** da 58ª Reunião Anual da SBPC, 2006, p. 01-27.

SANTOS, Rodrigo de Carvalho Alves. A HISTORIA DA DANÇA DE RUA E SUA INSERÇÃO NA CULTURA BRASILEIRA. **Monografia** apresentada à Coordenação de Trabalhos Monográficos do Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SARAIVA, Maria do Carmo. O SENTIDO DA DANÇA: ARTE E SIMBOLO, EXPERIENCIA VIVIDA E REPRESENTAÇÃO. **Revista Movimento**, Porto Alegre - ESEF/UFRGS, v. 11, n. 3, set/dez 2005, p. 219-241.

SARAIVA, M. C.; LIMA, Elaine P.; CAMARGO, Julieta F.; FIAMONCINI, Luciana. VIVÊNCIAS EM DANÇA: COMPREENDENDO AS RELAÇÕES ENTRE DANÇA, LAZER E FORMAÇÃO. In: FALCÃO, J. C. e SARAIVA, M. C. (Orgs.). **Esporte e Lazer na cidade: práticas corporais re-significadas**. Florianópolis: Lagoa, v. 1, p. 141-170, 2007.

SARAIVA, Maria do Carmo; FIAMONCINI, Luciana; ABRÃO, Elisa; KRISCKE, Ana A.

ENSINAR E APRENDER EM DANÇA: evocando as “relações em um experiência contemporânea”. In: FALCÃO, J. C. e SARAIVA, M. C. (Orgs.). **Práticas Corporais: Experiências em Educação Física - para outra Formação Humana**. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, v.2, p. 61-78, 2005.

SILVA, José Carlos Gomes. RAP NA CIDADE DE SÃO PAULO: Música, Etnicidade e Experiência Urbana. **Tese** (doutorado) - Departamento de Ciências Sociais Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

STRAZZACAPPA, Márcia. DANÇA NA EDUCAÇÃO DISCUTINDO QUESTÕES BÁSICAS E POLÊMICAS. **Revista Pensar**, Goiás, v. 6, 2003.

TONETO, Livia Cristina. A CULTURA HIP HOP COMO INCLUSÃO: desafios e perspectivas. **Anais... XVI ENAREL**, São Paulo, nov. 2004.

_____. MOVIMENTO HIP HOP: A Dança de Rua como Elemento de Emancipação na Educação Formal, p. 77-88, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto. **INTRODUÇÃO À PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Soyane. DIFERENTES LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: Projeto Hip Hop na escola. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 90, nov. 2003.

ANEXOS

Roteiro para as entrevistas

Entrevista – Coordenadora do projeto:

1. Fale sobre o projeto.
2. Quais os objetivos do projeto?
3. Quais são as oficinas oferecidas?
4. Quem são as pessoas que freqüentam?
5. Qual a oficina tem um maior número de participantes?
6. Fale um pouco sobre a oficina de dança de hip hop? Porque o hip hop?
7. Como foi a escolha dos professores?
8. Fale sobre a oficina hip hop enquanto pratica pública?
9. Qual é a relação das pessoas que participam da oficina com a escola e a comunidade?
10. Porque é realizado controle de freqüência?
11. Como foi escolhido o espaço para a oficina de hip hop?
12. Para participar, o que é preciso?
13. Os professores recebem salário ou alguma ajuda de custo? Quanto? Quem paga?
14. Há alguma interferência da coordenação do projeto ou da diretoria da escola nas aulas da oficina hip hop?
15. Na sua opinião em que a oficina hip hop pode contribuir na educação dos participantes?
16. Qual a importância da oficina enquanto movimento social?
17. A escola participa ativamente do que acontece na oficina? O que ela acha da oficina hip hop?

Entrevista – participantes da oficina:

1. Onde mora?
2. Você é aluno da escola?
3. Como soube da oficina?
4. Porque se interessou em fazer a oficina?
5. Quanto tempo participa?
6. O que é o hip hop pra você e o que representa na sua vida?
7. Qual seu objetivo em continuar na oficina?
8. Mudou alguma coisa em sua vida depois que começou a participar?
9. Como é o relacionamento com professores e participantes?
10. Como acontecem as aulas e o que vocês aprendem?

Entrevista – Professores da oficina:

1. Como surgiu a oficina de Hip Hop?
2. Quais são os objetivos da oficina?
3. Como acontece a oficina?
4. Quantas pessoas em média participavam no começo? E agora?
5. Como a oficina foi recebida pela comunidade?
6. Quem são as pessoas que participam da oficina?
7. Quando acontecem as aulas?
8. Na sua opinião em que a oficina pode contribuir na educação dos participantes?
9. Qual sua expectativa em relação à oficina e aos participantes?
10. Como acontecem as aulas?
11. Para quem inicia na oficina e não tem experiência de dança no hip hop, como é o processo de ensino aprendizagem?
12. A oficina estimula seus participantes a se envolver com o movimento hip hop ou com a cultura? De que forma?
13. O que você já observou na evolução, não só da técnica, mas pessoal nas pessoas que freqüentam a oficina?
14. Para você, os objetivos estão sendo alcançados?
15. Qual a importância, na sua opinião, da oficina hip hop na escola enquanto movimento social?
16. Como é a relação dos alunos com os professores?
17. Como é a relação dos professores com a coordenação do projeto e com a direção da escola?
18. É realizada divulgação da oficina? Como?
19. Há alguma interferência, da coordenação do projeto ou da diretoria da escola nas aulas da oficina?
20. A escola participa do que acontece na oficina? O que ela acha da oficina de hip hop?
21. Qual é a sua experiência na dança do hip hop?
22. Qual a importância da oficina na sua vida?
23. O que é hip hop pra você?
24. Fale sobre o material disponibilizado para os participantes.
25. Fale sobre a importância de resgatar a dança original do hip hop.